



Louise J.

P. Mag. Cant.

JOSÉ EDUARDO MAGALHÃES COUTINHO

Grande consolação é para o espírito, cansado de observar as luctas travadas no mundo pela cobiça, pela ambição e pela vaidade, o contemplar a serenidade de animo do homem que vive pela sciencia e para a sciencia: grande alegria é para o coração, que busca na sociedade a virtude, que procura a luz por entre as trevas d'essa corrupção assustadora, que a religião, a rasão e o progresso ainda não poderam extirpar, o encontrar no homem superior pela intelligencia, illustre pela sciencia, as nobres qualidades da alma, sem as quaes o talento não pôde ser util á humanidade, nem contribuir eficazmente para a civilisação.

O estudo, e sobre tudo o estudo da natureza eleva o espirito, e quasi sempre desenvolve e robustece as mais puras e nobres virtudes. É impossivel ao sabio, que analysa a sublime harmonia do universo inteiro, que observa a pasmosa perfeição dos seres vivos, a gradual evolução do organismo sobre a terra, a perfectissima combinação dos órgãos que, nos seres animados de todas as ordens desde o mais simples até aos mais complexos, contribuem para o mais impenetravel dos segredos da natureza, a vida; é impossivel ao sabio, que conhece as grandes creações do espirito humano, e contempla a marcha rapida para o progresso, que a humanidade faz pelos arrosos da imaginação, pela incansavel intensidade do estudo, pelo poder da vontade creadora dei-

xar de reconhecer a taes maravilhas uma causa infinitamente grande, eternamente perfeita. A contemplação da natureza conduz ao conhecimento de Deus; e este conhecimento á virtude e á fé no futuro aperfeiçoamento da humanidade. Quando o espirito se eleva por esta fórma acima das miserias mundanas, para buscar nas harmonias da natureza e nas grandezas do universo, nas creações sublimes do genio inspirado, o bello em toda a sua pureza, tudo no espirito caminha para a perfectibilidade. As paixões perdem os seus arrojados perigosos, a vontade de fazer o bem torna-se mais robusta, torna-se a alma magnanima para perdoar, terna para consolar os afflictos, persuasiva para aconselhar os fracos, grande e generosa para acudir e aliviar aos que padecem.

É pois certo que a vida intima, a historia do espirito dos homens de sciencia, singela quasi sempre, mas nem por isso destituida de interesse, merece tanto ser conhecida como a historia cheia de agitações e de luctas do homem publico. Aquelle, pela meditação, cria ou desenvolve as idéas, este, pela acção, muitas vezes as realisa outras a contraria; aquelle abre novos horisontes á sociedade, este encaminha-a para os pontos luminosos que brilham n'esses horisontes novamente descobertos, mas tambem muitas vezes a desvaira e perde. A sciencia e os seus cultores merecem n'este seculo, mais do que em nenhum outro, a estima e a gratidão da sociedade. Deixando as regiões vagas da theoria especulativa, e quasi sempre esteril, a sciencia mundanisou-se, sem nada perder da sua natureza: hoje a sciencia procura ser util, creando novas riquezas, descobrindo novos meios de estreitar os laços de fraternidade entre as nações, prolongando a vida e minorando os padecimentos dos homens pela hygiene e pela medicina. Pela analyse rigorosa dos factos, pela experimentação conscenciosa e incansavel, a sciencia tem tomado, n'este seculo sobre tudo, um caracter de gravidade que as theorias dos antigos sabios lhe não podiam dar, e ao mesmo passo tem-se vulgarizado, tem illustrado e enriquecido os povos.

Magalhães Coutinho é um d'esses homens notaveis pelo amor á sciencia, incansavel estudo, vasta instrucção, singelesa de character e não desmentida bondade, cuja historia deve ser conhecida por aquelles que presam e estimam o talento e a virtude.

Como chegou Magalhães Coutinho a occupar o primeiro logar entre os cirurgioes portuguezes? Quaes foram os seus primeiros passos na carreira das letras, e donde lhe veio aquelle amor, aquelle conhecimento dos bons escriptores gregos e latinos que é hoje tão raro já? Como se desenvolveu aquelle talento? como se

aperfeiçoou aquelle character? Elle proprio nos dá na interessante carta que teve a bondade de dirigir-nos a singela historia da sua vida, até á época em que, por meio de um concurso, subiu á cadeira de professor. Eis a carta:

Amigo Corvo.

Mais por te fazer a vontade do que por outra coisa, escrevi isso que ahi vae, que não sei que nome lhe possa dar.

Nasci em Evora, capital da provincia do Alemtejo, em 24 de Outubro de 1815. Meu pae, José Bernardo Magalhães Coutinho, era então alferes do regimento de cavallaria n.º 5. Fui muito doente em creança. Posso julgar mais porque tenho ouvido dizer a meus paes do que pelas minhas recordações d'esse tempo, que o meu temperamento exageradamente lymfatico, deu grandes receios de que podesse levar-me para alguma affecção tuberculosa. Se assim foi, parece-me que sou um bom exemplo de feliz transformação physica. Cedo principiei a aprender a ler. Minha mãe foi o primeiro mestre que tive: receiando ella que eu lhe tomasse a sua fôrma de letra não quiz ensinar-me a escrever. Foi imitando alguns traslados que comecei a fazer os primeiros exercicios de escripta, mas sem direcção de pessoa alguma. Pelo que consegui n'este ramo, persuado-me que teria sido melhor que minha mãe não tivesse sido tão escrupulosa. Tinha sete para oito annos quando me mandaram para uma escola de primeiras letras onde um mestre de feia catadura me fez decorar a grammatica portugueza de Lobato e muita doutrina christã pelo compendio da Diocese de Montpellier: a taboada e as quatro especies de contas em numeros inteiros e quebrados, tambem entraram na minha aprendisagem. Mal tinha aprendido estes rudimentos, ou antes bem mal aprendidos estavam ainda, que sahi de Evora para Torres Novas. Ali mandaram-me estudar latim com um padre, que, a julgal-o pelas remeniscencias que ainda hoje tenho, em grandes embarços se deveria elle achar para entender o breviario. Mais de anno e meio levei com um methodo latino, que se me não engano era o de Antonio Felix, e com Sulpicio Severo e Eutropio. O meu mestre cada dia se mostrava mais ênthusiasmado pelos meus progressos, porém eu na realidade não andava nem para traz nem para diante. A respeito da analyse grammatical jejuava com o bom do padre. Vieram por este tempo os acontecimentos politicos de 1828 para 1829, e eis-me de jornada para Lisboa na companhia de meu pae, que poucos dias de liberdade gosou na capital, porque o

poder da intendencia geral da policia receiou ver ameaçados os inauferriveis com a presença de um official, já desligado, por não ser affecto ao systema reinante. Meu pae foi preso, e eu para ahi fiquei não sei como, nem aonde. Por algum tempo não pensei em aulas: não deixei porém de ler. Os livros que possuia, além dos meus compendios, eram — uma Biblia, uma historia de Portugal por Laclede e um Camões. Estes volumes eram apenas aquelles que entravam na portatil bagagem do pobre official de cavallaria. Não sei quantas vezes os li. O que sei é que foram muitas; e sem pretensões te digo, amigo Corvo, que d'essas leituras que sósinho fazia tirei eu mais idéas, do que das tyrannias escolasticas com que até ali me tinham perseguido. A educação caseira e bisonha que tive nos primeiros annos, fez-me ter medo de Lisboa: só mais tarde e muito tarde lhe tomei o gosto: parece-me que esse medo me preservou de grandes eventualidades durante o tempo em que vivi quasi de todo desamparado, o que não durou muito. Antonio Maria do Couto, professor de grego encartado, e de tudo por curiosidade, recebeu-me para sua casa. Perguntando-me o que eu tinha estudado e ouvindo a resposta sincera que lhe dei, cuido que perdeu as esperanças de fazer de mim alguma coisa, vendo-me crescido já e sabendo tão pouco. Quiz-se desenganar comtudo. Levou-me á aula, mandou-me sentar e abrindo Tito Livio, logo no principio, disse-me que traduzisse. Qual traducção nem qual diabo! Era no prefacio que principia por aquellas palavras que nunca mais me esquecerão — *Facturusne operæ pretium sim, etc.* Que barulho que me fez este sim! Eu tinha a cabeça quente como um fogareiro, a garganta secca, e as arterias do pescoço batiam-me ao compasso como martellos de ferreiro. Nunca me tinha visto em tão grande aperto. Sr. Couto, disse eu com voz sumida, eu ainda não traduzi Tito Livio. Está bem, não se afflija: o periodo tem seu dente de coelho, é verdade, mas com tempo tudo se consegue. Pouco me consolou Couto com estas palavras, em quanto não pude rehabilitar-me fiquei mais casmurro do que um allemão. N'esse mesmo dia em que dei entrada em sua casa, mais como filho do que como discipulo, fui assistir á aula do latim onde ouvi traduzir o meu já conhecido Eutropio, e com elle Tito Livio e Virgilio. Couto não me passou lição: só me disse que fosse todos os dias á sua aula, que attendesse ás lições dos meus companheiros e que todo o tempo de que podesse dispor o aproveitasse estudando. Fiquei muito desconsolado com estas prescripções, porque me pareceram a expressão da pouca confiança que eu poderia ter inspirado. Não desanimei todavia, e cumpri religiosamente

o que Antonio Maria do Couto me ordenou. Alguns mezes se passaram sem que me fizesse a menor interrogação, quando finalmente n'um bello dia dirigindo-se a mim me diz: — Então, meu amigo, como vae isso? Tem aproveitado? Julgo que sim, lhe respondi eu. Pois então dê lição. Aonde? Lhe perguntei eu. Abra esse Tito Livio ao acaso e traduza. Abri ao acaso e traduzi: depois fez-me analysar algumas orações; e repetindo a mesma coisa com Virgilio, esfregou as mãos com ar de contentamento e disse-me: Está bom; de hoje por diante fará aqui as minhas vezes de tarde, ensinando-me estes meninos, e apontava para os meus companheiros, quasi todos na verdade mais moços do que eu. Com esta graduação fiquei como se póde presumir. Ao passo que frequentava a aula de latim, ouvia tambem todos os dias os exercicios de francez. Estava já tão familiarisado com as aventuras de Telemaco e as fabulas de Lafontaine, que a toda a hora declamavam os meus companheiros, que já quasi sabia de córtanto o livro de Fenélon como o do insigne fabulista. Um dia Antonio Maria do Couto fez-me no francez a mesma surpresa que me tinha feito no latim. Quem conhece a facilidade, que dá a pratica dos exercicios no estudo das linguas vivas, não se admira por certo que eu diga que estava desembaraçado. Entretanto, ainda n'aquelle tempo se não tinha vulgarisado muito este methodo de as estudar; e Antonio Maria do Couto que, pela sua incorrecta pronuncia de francez seria talvez reprovado n'um dos nossos lyceus d'hoje, conseguia todavia por esse methodo que adoptava, que todos os seus discipulos podessem em pouco tempo traduzir com desembaraço da lingua franceza. Quasi que eu já principiava a ter-me em grande conta, quando um dia me disse Couto— «meu amigo, isso que sabe não vale nada, é preciso estudar outras coisas. Vamos á logica, á historia, á rhetorica e ao grego.» Pois vamos, lhe disse eu com resolução. Mas quando eu pensava que havia estudar em primeiro logar uma d'estas disciplinas para passar para outra, eis que me vejo a braços com os compendios de todas ellas. Então Antonio Maria do Couto, prevendo as difficuldades com que eu estava, disse-me: — Não se admire. As faculdades do nosso espirito não esperam muito umas pelas outras para se desenvolverem. É preciso que o trabalho do estudo as vá aperfeiçoando quasi ao mesmo tempo. Demais, a cultura que se dá a uma tambem aproveita ás outras. Achei acertada a observação e promptifiquei-me para os meus novos estudos, continuando sempre com as aulas de latim e francez. Couto não era um sabio, mas era talvez mais do que isso; porque tinha boa intelligencia e muito espirito d'ordem. As suas lições de

logica eram exemplarmente feitas para conduzir a mocidade n'este estudo. A sua linguagem era clara, e sabia pôr-se tanto ao nível de seus discipulos, que pouco perdiam do que elle dizia. Mas se até aqui tínhamos admirado os dotes de preceptor que Couto possuia, no grego achámol-o um homem profundo e erudito. Tive gosto pelo estudo da lingua grega, e mais de uma vez Couto me lisongeou o amor proprio em presença de muitos dos meus condiscipulos, alguns dos quaes devem aos seus talentos e aos bons estudos que fizeram a consideração que a patria lhes tem dado. Deus me livre de que por estas palavras me supponham vaidoso. São recordações da mocidade. Se a ellas dou algum incenso, é peccado de que devo ser absolvido, mesmo porque poucos haverá que lhes não dêem o mesmo culto.

Tínhamos chegado a 1831. As perseguições politicas tinham tocado o seu auge. O governo preparando-se para a guerra civil, procedia a um rigoroso recrutamento. Eu tinha 16 para 17 annos e corpo bastante para tomar altura n'uma companhia de grana-deiros. Comecei a receiar que me obrigassem a sentar praça, vida para que me não chamava a vocação, mórmente n'aquella época em que teria de combater as minhas crenças, porque já tinha crenças: tinham-as infiltrado no coração a orphandade em que me via e as scenas de carnificina que regalavam a brutalidade dos canibaes da época; tinham-as inspirado o estudo e a religião. A tudo isto chega já bem a comprehensão dos dezaseis annos.

Antonio Maria do Couto, vendo-me n'estes receios, chamou-me um dia e disse-me que me matriculasse na Escóla Régia de Cirurgia. Fez-me o elogio da profissão cirurgica que ouvi com pouco entusiasmo, porque as minhas idéas eram de ir para a universidade de Coimbra frequentar o curso de Direito. Vá para o hospital, me disse elle, e se não gostar da vida, a todo o tempo a póde deixar para seguir a que quizer. Do que se trata agora é de evitar que o façam soldado. Seria para mim um desgosto muito grande, e ainda maior para seu pae. Não fiz mais reflexão. D'ahi a poucos dias apresentei-lhe a minha matricula da escóla que me isentava do recrutamento. Frequentei a aula de anatomia em 1831, e a de materia medica em 1832. Estudei pouco tanto n'uma como n'outra. A inquietação em que trazia o espiriio pelas desgraças da minha familia, e a necessidade em que me via de continuar com os meus exercicios de latim e de grego, tiravam-me o tempo de estudar. Cheguei mesmo a ter o conceito de mau estudante entre os meus condiscipulos.

Havia pouco tempo que me tinha matriculado no 3.º anno da escóla, quando se proclamou em Lisboa a Carta Constitucional e

a legitimidade da Senhora D. Maria II. O dia 24 de Julho de 1833 deve ainda hoje lembrar muito áquelles que tinham então já cabeça para pensar e coração para sentir. Uns se lembram ainda d'esse dia como o da origem dos seus infortunios; outros o festejam como causa de bons successos. Felizmente não sou dos primeiros. Se me perguntassem n'aquelle dia se tudo quanto via era bom, dizia que sim, porque a allucinação era grande. No momento em que se gosa da suprema felicidade não lembra o que geme. Para que venham sentimentos que mais se liguem com a reflexão carece-se de pausa. D'esse dia por diante senti-me reviver. A minha familia reuniu-se logo toda. Depois tratou-se de fixar as coisas domesticas, como era natural, e julgou-se de conveniencia que eu continuasse o curso da Escóla de Cirurgia. Parece-me que foi acertada aquella resolução. Era preciso porém interromper os estudos por algum tempo. A mocidade de Lisboa correu toda a alistar-se nos batalhões, e eu fui tambem. Pouco tempo servi com as armas na mão. Logo depois da acção do dia 5 de Setembro de 1834, fui requisitado pelo cirurgião-mór Lourenço Felix Sardinha, director do hospital militar da Estrella, afim de o ajudar no tratamento dos feridos. Applicar os appositos, e servir de enfermeiro, velando pelos doentes, foram as funcções em que me empregaram. Não sabia fazer mais; mas fil-o com dedicação tanto a amigos como a inimigos. A attenção respeitosa que todos davam ao cirurgião-mór, os sentimeatos de reconhecimento e de amisade que lhe rendiam aquelles a quem tinha acudido, deram-me pela primeira vez idéa sublime da profissão que elle exercia. Juro que, se n'aquelle occasião me tivessem dado a escolher uma posição social, todas sacrificava á de cirurgião.

Mesmo em presença de todas as perturbações da época fomos chamados a fazer acto do 3.º anno. O governo de então tinha outras idéas a respeito dos cursos academicos, que não tiveram os que depois vieram. Amigo Corvo, vou-te contar agora um episodio que parece fóra de proposito, mas que o não é; porque ainda agora sinto toda a influencia que tem na direcção que dei ao meu estudo. No dia 24 de Julho de 1833 tinha saído das prisões da Cova da Moura, onde estava julgado por crimes politicos, Manoel Maria Barbas, que tinha sido estudante da Escóla Cirurgica e que não tinha ainda acabado o curso. Apenas foi solto, este homem veio matricular-se na escóla para continuar o curso. Reunia elle as boas qualidades intellectuaes improbo trabalho de estudo, e uma propensão para exercer despotismo sobre os seus discipulos, como nunca vi em ninguem. A sua ironia, quando se dirigia a um companheiro que julgava inferior a si, era verda-

deiramente infernal. Tenho ainda hoje presente aquelle character, como conservo as recordações de alguns typos de Hoffman, Goethe e Byron. Talento correspondente ao seu estudo não possuia elle, porque seria um homem muito notavel da época, se o possuísse. O que é certo é, que este homem me incommodava por um modo incrível. Comecei a estudar, mais por causa d'elle do que por causa de meus mestres, ou do meu futuró. Como te disse já, eu tinha estudado pouco para a aula de anatomia e de materia medica, e para me pôr em dia na aula de clinica cirurgica, que era o 4.º anno, precisava estudar tudo. Assim o fiz. Parece-me que nunca estudei tanto. Ahi vivem ainda muitos dos meus condiscipulos que não deixarão de confessar a admiração que lhes causou a minha metamorphose. Eu só me não admirava d'ella. Se elles soubessem as feridas que Manoel Maria Barbas me fazia no amor proprio tambem se não admiravam. O trabalho trouxe-me porém grandes compensações. No fim do 4.º anno já Manoel Maria Barbas me não parecia o temeroso Goliath que tanto me tinha assustado. De todas as materias que tornei a estudar e que deviam constituir a armadura contra o meu gigante, a anatomia foi aquella a que mais me dediquei, não só por ser a que menos sabia, mas tambem por ser aquella porque realmente tinha mais gosto. O que é verdade, é que nunca mais a deixei de todo, mesmo para a não esquecer. Não ha estudo algum no curso da Escola mais capaz de levar longe a nossa intelligencia do que o anatomico. Quem sabe anatomia sabe por força toda a cirurgia. Affirmo-te, amigo Corvo, que apesar dos melhoramentos que as escolas medico-cirurgicas teem tido de 1836 para cá, ainda ha que fazer no que respeita á organização de estudos práticos, principalmente anatomicos.

Em 1836 acabei o curso e tirei carta.

Em 1837 accompanhei o marechal Saldanha ao Chão da Feira. Para esta digressão militar houve motivo alheio ás minhas opiniões politicas, que não eram n'aquella occasião as mesmas porque combatia o illustre marechal. O conflicto de 28 de Agosto d'esse anno entre as forças que o marechal commandava e as do conde de Bomfim, deu occasião ás primeiras operações chirurgicas que pratiquei. O primeiro ferido que operei foi o conde de Villa Real. Uma balla de artilheria lhe tinha levado o membro inferior direito a pequena distancia da verilha. Os estragos eram grandes. Uma amputação immediata estava indicada. Não hesitei. Pouco pessoal, falta de torquinete, maus instrumentos, nada d'isso me embarçou. O que era urgente era não deixar passar o momento da indicação sem operar. Pratiquei a amputação, a qual teve

o melhor resultado que eu podia esperar. Todavia ainda me lembra a commoção que experimentei n'aquelle acto. Não me esquecem facilmente estas impressões. Tem-me succedido uma coisa notavel na minha vida prática, e que eu attribuo mais á minha boa estrella do que a outra qualquer circumstancia. Nunca deixei de ser feliz nas mais graves operações que tenho praticado pela primeira vez.

Cheguei depois a Lisboa em fins de 1837.—Estava pois cirurgião e devia começar a auferir interesses da profissão. O plano que se podia seguir logo para chegar a esse resultado era ir estabelecer-me fóra de Lisboa, em alguma terra pequena, onde os ricos proprietarios não deixariam de retribuir-me o trabalho com os moios de trigo de partido, os patos, os perus e varias pitaças mais, e assim iria formando um capitalsinho que podesse dar nas vistas de algum lavrador honrado que, para me dar todas as provas de estima, me daria a presada filha que me faria inteiramente feliz tornando-me esteio de longa prole. Quanto ás necessidades do espirito tambem não deixaria de achar remedio para ellas nas conversações *instructivas* com o prior da freguezia e o boticario. Depois tinha tambem a leitura dos jornaes, com seus dias de atrazo, já se sabe, graças á facilidade das communicções; e, se quizesse, poderia servir tambem os amigos politicos fazendo ir á urna o eleitor seduzido pelas minhas influencias. Tive horror a tanta felicidade. O que me fez desprezar esta bemaventurança foi o estudo dos seus effeitos em alguns condiscipulos talentosos, que se conformaram com este modo de viver. Ainda hoje observo muitos exemplos d'estes. Parece incrivel, mas é verdade, como o talento se amesquinha no goso d'essa bemaventurança que repudiei. Para a transformação ser completa, até nas apparencias physicas se revella. É para ver como esse mancebo airoso e esbelto que foi para a provincia fazer fortuna, vem de lá no fim de uns poucos de annos. Emfim, tudo tem suas excepções, mas a regra geral é esta.

Como me deliberei a ficar em Lisboa resolvi habilitar-me para concorrer aos logares do magisterio na escola. Fui explicador de anatomia e comecei nova vida de estudo, frequentando os cursos de chimica, physica, botanica e zoologia. Como a primeira reforma da escola veio em 1836, depois de eu ter concluido o curso, era claro que teria de ver-me muito inferior aos alumnos que viessem depois. Ora, tendo aspirado ao professorato, sempre me pareceu conveniente que eu preenchesse as faltas que tinha nos meus estudos. Foi o que fiz do melhor modo que pude. Estes ultimos estudos fil-os eu com muita irregularidade. Se podesse tor-

nar a traz vinte e cinco annos, juro-te amigo Corvo, que havia de aproveitar mais do que tenho aproveitado. Já se sabe que era preciso que ficasse com algumas recordações do presente.

Finalmente cheguei a ser lente da escola Medico-Cirurgica, que era o alvo de todas as minhas diligencias. Agora, amigo Corvo, desculpa que me cale. Falei do rapaz porque morreu: agora é perigoso continuar: temo a parcialidade.

P. S.—Não seria melhor que deixasses o projecto que fizeste a meu respeito? N'esta observação que te faço não deves estranhar, senão o vir em post-scriptum.

Teu amigo pelo coração

JOSÉ EDUARDO MAGALHÃES COUTINHO.

Lisboa 7 de junho de 1859.

A meditação amadureceu o entendimento, a desgraça fortificou o animo e elevou o coração de Magalhães Coutinho, logo nos primeiros annos da juventude; d'ahi lhe veio aquelle ardor no estudo, aquella emulação no trabalho, e aquelle desejo de adquirir conhecimentos, que o tornaram um professor distincto, e um habilissimo cirurgião. A narração singela dos seus primeiros passos na carreira das letras e das sciencias, das alegrias, dos sustos, das esperanças e das tristezas que primeiro lhe agitaram o espirito, é bastante para que se lhe possa apreciar o character, mas não basta para que se possa avaliar o seu elevado merecimento.

Na cadeira de professor, Magalhães Coutinho tem a palavra fluente; a sua exposição é clara e simples, ornada com muita riqueza de erudição, mostrando sempre um conhecimento seguro da historia da sciencia, do seu estado actual e das suas applicações. Os discipulos escutam-no com attenção, porque estão certos de que as lições de um tal mestre valem mais do que longas horas de estudo nos livros, e porque a vivacidade da expressão, a animação da physionomia, a convicção e quasi enthusiasmo com que o estimavel professor falla da sciencia captivam a sympathia e seduzem ainda os espirito mais preguiçosos.

Á cabeceira dos doentes, e sobre tudo nos casos graves em que é preciso tomar uma resolução prompta e energica, Magalhães Coutinho, usando de todos os recursos da sua muita sciencia, re-

cordando os numerosos factos cirurgicos que a sua longa practica lhe tem dado occasião de observar, animado pelo vivo desejo de dar alivio aos que padecem, e cheio de justa confiança na sua pericia de operador, adopta sem hesitar o alvitre mais prudente para salvar a vida dos enfermos, poupando-lhes quanto possivel as grandes mutilações, ou as operações muito violentas. Adoptada uma resolução, o operador promptamente a executa, com a certeza, a perfeição, a segurança de um cirurgião que não desconhece nenhum dos preceitos da arte das operações.

É n'esses dias de angustia, de miseria, e de horror, em que as epidemias devastadoras assolam as cidades; quando o pavor faz tremer ainda os de animo mais forte, quando a vida da sociedade como que pára paralisada pelo susto, quando os vinculos do sangue e do amor se quebram muitas vezes por exagerado medo da morte, quando os ricos fogem espavoridos, e os pobres esperam não com resignação senão com terror a sua hora extrema; é n'esses dias de infinita dor, de ancia e desesperação que é nobre e sublime a missão do medico. Para o medico não ha então nem repouso, nem liberdade; o medico não é de si, é da sociedade. Dia e noite assistindo aos paroxismos da dôr, á agonia dos moribundos, ora no lugubre recinto dos hospitaes, ora á cabeceira do amigo ou do parente, o medico precisa ter, n'essas épocas funestas em que a morte devasta a população, uma força de animo sobrehumana: é um heroismo que não recebe em premio nem as honras do triumpho, nem as palmas da gloria, mas que tem uma recompensa mais suave e mais pura; as bençãos dos desgraçados. Recompensa para tão nobres sacrificios não a devem os medicos procurar senão na satisfação que sente a consciencia do homem que cumpriu um dever, e, cumprindo-o, salvou a vida ou aliviou os padecimentos dos seus semelhantes.

Durante os dois flagellos de cholera e de febre amarella, que n'estes ultimos annos assolaram Lisboa, Magalhães Coutinho mostrou a sua força de animo e bondade de coração, consagrando todas as horas do dia e da noite ao tratamento dos enfermos nos hospitaes, e ao estudo das causas que podiam provocar na capital o desenvolvimento de tão terriveis epidemias, e dos meios de melhorar o estado da salubridade publica. Magalhães Coutinho é muito irregular no trabalho; ora tem uma incansavel actividade, ora abandona tudo, para se concentrar na leitura, e cuidar nas flores do seu jardim, cuja historia natural elle conhece como bom botanico que é: nos tempos, porém, de desgraça publica abandona as suas innocentes diversões, para se consagrar todo ao serviço da humanidade.

Um dos deveres dos homens de sciencia é communicarem aos estudiosos o resultado das suas observações, das suas meditações e estudos: a sciencia é uma vasta creação da intelligencia e da observação, que só pelos esforços simultaneos de todos os que a cultivam pôde progredir e engrandecer-se. Com intelligencia superior, com profundos conhecimentos em todas as sciencias cujo conjuncto constitue a medicina, com a prática de uma longa e variada clinica, tendo executado numerosas e felizes operações, e sendo dotado de um character mais propenso á concentração do que á vida buliçosa da sociedade, Magalhães Coutinho poderia ter já publicado uteis escriptos, se não fosse a falta de incentivo que ha no nosso pobre paiz para qualquer trabalho sério em sciencia. Não podemos deixar comtudo de lamentar que elle tenha privado a litteratura medica portugueza, infelizmente tão pobre, dos trabalhos com que facilmente a poderia illustrar. O numero dos seus escriptos, não está em proporção com os recursos da sua intelligencia; nem por elles pôde vêr-se quanto é notavel o seu espirito de observação, e lucida a maneira por que elle aprecia os factos.

É preciso que o corpo medico portuguez, em que ha homens verdadeiramente distinctos, se faça conhecer na Europa pelos seus trabalhos. Não basta absorver avidamente instrucção pela leitura, é preciso colligir observações, comparal-as, discutil-as, analysal-as com a gravidade e rigôr que a sciencia hoje exige, e enriquecer assim os annaes da medicina, consquistando ao mesmo passo para o corpo medico portuguez o logar que elle tem direito de ambicionar na Europa. A homens como Magalhães Coutinho compete dar o exemplo: outros desejosos de adquirir gloriosa reputação, sabel-o-hão imitar.

Magalhães Coutinho está hoje na época da vida mais apropriada para os trabalhos scientificos. As paixões da mocidade começam a amortecer-se, a meditação e o estudo a tornarem-se uma necessidade, a rasão attingiu o maior vigor, os estudos que successivamente se fizeram e os vastos conhecimentos adquiridos harmonisaram-se, combinaram-se em justa proporção para formarem uma só sciencia de todas as sciencias: a intelligencia está preparada para observar, para comparar os factos, para descobrir a verdade, para a revellar. O dever do homem de sciencia é não desperdiçar a riqueza que tanto custou a adquirir: essa riqueza não lhe pertence a elle só, é tambem da humanidade, que tem ido accumulando de seculo em seculo os thesouros, onde todos vão buscar a instrucção, onde todos vão fortalecer e engrandecer o espirito.

J. DE ANDRADE CORVO.

NOVO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

(Continuação)

N'este quadro das tendencias geraes da litteratura na Europa, a França apresenta um completo contraste com a Allemanha. O pensamento allemão idialisa tudo, e este systema, levado ao excesso, dá em resultado, na philosophia, as nebulosas abstracções da metaphisica kantista, e nas artes, as abstruosas distincções de uma exthetica que se perde nas regiões vagas do mysticismo e do pantheismo. A França, pelo contrario: todas as propensões do seu espirito, todas as fórmulas versateis e inconsistentes da sua sociedade, todo o invasor e universal desenvolvimento da sua industria concorre, directa e indirectamente, para reduzir as obras litterarias ás exigencias positivas de uma necessidade da vida. A França lê e lê muito, mas nas horas rapidas e distrahidas, nos intervallos breves e interrompidos dos prazeres de uma existencia toda exterior, leviana, vertiginosa e facticia.

Considerando-se estas duas propensões do espirito dos dois povos tão adversas e excessivas, uma materialista, outra espiritualista, dir-se ha que a proximidade da França da Allemanha não é um simples accidente geographico senão um forte capricho da historia: ha porventura um intuito providencial n'esta approximação: centro e exemplo do vasto movimento intellectual do mundo nos ultimos tempos, as duas nações, tão distantes na indole litteraria e artistica, quem nos diz que não sejam chamadas a approximarem-se, para, com o combate constante d'esta

aproximação, corrigirem o excesso de suas tendencias oppostas, despertando d'este modo a idéa do justo equilibrio, que é a lei universal de todas as perduraveis creações do espirito e da arte?!

Mas a França hoje vae mais além: a França, a seu pesar, aporfia em fazer da litteratura um ramo exclusivamente commercial, e as condições de uma industria, cujo fim é explorar as aberrações do gosto, são as suas unicas e tyrannicas leis. E para chegar a tão lastimavel resultado conjurára-se não só a frivolidade da época que, prosaica e utilitaria, procurava no livro só uma diversão momentanea de qualquer ordem de idéas mais positivas, mas os proprios acontecimentos, que está acima da influencia e comprehensão dos homens o poder definil-os e explical-os. Os grandes escriptores que, na Restauração e em 1830, haviam aberto uma época gloriosa á França, tem ido morrendo, ou abatidos pela idade e pelos males da patria, tem deposto a penna e encostado a lyra, ficando-se, tristes e sós, a contemplarem as ruinas das discordias intestinas, cujos estragos, todavia, ainda allumiam dos reflexos puros da sua gloria. A musa das inspirações patrioticas, dos maguados e elegiacos queixumes, das energicas e sympathicas aspirações, perdeu muitos dos seus cultores mais queridos e celebrados. Na sua base veem-se negrejar tres coróas de louro, enlufadas de palmas de cypreste. Cazimiro Delavigne, o cantor vigoroso e inspirado das *Messeniennes*, Laménais o eloquente apostolo dos queixumes do povo, e Alfredo de Musset, o imaginoso e natural poeta dos *Contes d'Espagne et d'Italie*, já não existem. Mais longe o busto de Chateaubriand, o pontifice da nova religião litteraria, tendo a seu lado a imagem serena e risonha de Béranger, o cantor das glorias e das alegrias da França, repousam n'este elysio de espiritos escolhidos. No romance o mesmo: Frederico Soulié, Balzac e Eugenio Sue tambem já não são da França, senão no nome litterario que, pela saudade, os lembra eternamente á memoria de seus compatriotas. Alexandre Dumas pae parece exhausto; e George Sand fechou o circulo das suas dissertações philosophicas sobre os desconcertos da sociedade.

Ainda resta uma phalange illustre, que per si faria a gloria de um seculo; mas, astros que descreveram já de todo o seu circulo no immenso firmamento dos pensamentos grandiosos, talentos contrariados pelos desgostos das crises publicas, ou luzeiros que as borrascas da vida apagaram apenas manifestados os primeiros lampejos, essa phalange está dispersa e tem-lhe esfriado os nobres impulsos que accende a energia dos annos florescentes e a marcha harmoniosa dos acontecimentos da sociedade. Victor Hugo,

deixado nas asperezas do exilio, solta invectivas sublimes, mas invectivas em que trasborda o azedume do pamphletario; e só depois de um forçado e longo silencio imposto á sua lyra de oiro evoca as impressões da mocidade no seu livro das *Contemplações*. N'esse livro porém brilham raras inspirações recentes. A *Legenda dos seculos*, obra publicada ha pouco, talvez prophecia desoladora do desterrado que volve á patria, será o canto do cysne que accorda, gorgeia, e expira?!

Lamartine, esse genio das harmonias do mundo moral, tornou-se historiador e critico. As suas historias da Grecia e da Russia e o *Curso familiar de litteratura*, são inquestionavelmente a decadencia sublime de um talento que se debate com as contrariedades de uma desdita lamentavel. Até este espirito eminente tão elevado, tão ideal e puro, cede á fatal torrente da litteratura industrial!

No theatro, Ponsard tenta debalde na tragedia elevar a scena aos gloriosos dias de Corneille e Racine: Dumas filho, pelos admiraveis instinctos de uma observação fina e verdadeira, é dos poucos que conseguem apartar-se dos excessos da escola realista: e Julio Sandeau, Octavio Feuillet, e Emilio Augier, pelo seu espirito profundo e pela naturalidade de um dialogo elegante e delicado, resgatam apenas a arte dos insultos de uma chusma de escriptores, que armam á ignorancia e visualidade das platéas.

Na critica o progresso é immenso: Villemain, Sainte-Beuve, Saint Mar-Gerardin, Ampère e Nisard são illustrações que só por si caracterisam e recommendam uma época. Mas este mesmo desenvolvimento exuberante e universal da critica qualifica uma quadra de decadencia. A critica renasce sempre após os annos de espontanea e resplandecente expansão litteraria. Quando a litteratura grega fecha o cyclo brilhante dos seus primeiros genios, é que apparece Longino; e Quintilliano e Laharpe tornam-se unicamente dictadores do gosto e da arte quando expiram de todo os seculos de Augusto e de Luiz XIV.

É verdade que a França, apezar das alternativas da historia e dos infortunios dos tempos, e ainda mesmo sob o influxo da monarchia, do federalismo, do episcopado, da anarchia, do terror, ou do despotismo militar; subjeita a toda esta variedade de governos e instituições, tem affrouxado, mas nunca perdido completamente o equilibrio que lhe concede de direito o sceptro nos dominios da phantasia. Nunca succumbiu á lethargia que abysma costumes e leis, presente e futuro no sepulchro das nações. É um corpo cuja agilidade multiplica a força, e que a supprime pela energia dos recursos, quando o seu impulso natural parece en-

fraquecer de todo; e essa actividade voltou-se agora para outro lado; e uma industria litteraria substitue a litteratura da inspiração.

Na Italia e na Hespanha as causas da decadencia litteraria são quasi communs. A historia dos principaes escriptores italianos e hespanhoes é a historia das perseguições politicas e dos magestosos quadros de lucta liberal. Mas este mesmo spectaculo das revoluções, e os seus revezes e triumphos, inspiraram, engrandeceram e fortificaram as idéas dos dois povos, e é d'este conflicto que irrompem as inspirações patrioticas que accendem o estro dos poetas das duas peninsulas. Monti, Ugo Foscolo, Manzoni, Sismondi, e Silvio Pellico são os chefes d'este grande movimento que, instigado pela oppressão austriaca, e fermentado no exilio e nos carceres de Spielberg, rebentou depois nos formosos poemas do *Promotheu*, *i Sepolcri*, *Carmagnola*, e *Francesca di Rimini*.

Mas o patriarcha d'esta escola foi Alfieri: Alfieri é o primeiro poeta revolucionario da Italia moderna. Homem de convicções profundas, patriota ardente, inimigo desabrido do despotismo, Alfieri é, na phrase de mad. de Stael, o escriptor de que cada uma das obras tragicas deve ser contada como uma bella acção. É tal o seu desejo de emancipação da patria que exagera este nobre e fecundo sentimento n'um odio a tudo que seja estrangeiro, a ponto de desprezar os proprios modelos do theatro francez. As suas tragedias (*Philippe II*, a *Conjuração de Pazzi*, *Polinice*, *Bruto*, *Agis*) tem todas, mais ou menos, uma intenção politica. N'estas composições o genio da liberdade solta muitos dos seus mais audaciosos vôos, e a tragedia, uma das mais nobres producções do talento poetico, é convertida n'uma magnifica invocação aos dogmas da independencia nacional. Foi n'esta estrada que Alfieri caminhou a par dos profundos pensadores italianos do seu tempo, Vico, Filangieri e Beccaria, separando-se d'estes generosos mas tranquillos espiritos, pelo fogo de seus arrebatamentos.

Reanimada por este genio poderoso, a Italia viu surgir a legião de novos poetas que notamos, a que ainda se podem juntar Pindemonte, Pepoli, Joseppe Revere e Turrotti. Infelizmente a paixão patriotica, que fôra a chamma viva que ateára e fecundára as imaginações, foi tambem o sentimento hyperbolico que inspirou aos primeiros escriptores as apostrophes sanguinarias da Nemesis das vindictas politicas. Nicolini, que pelas suas estréas, *Edipo*, *Temisto*, e os *Sete de Tebas*, parecia tender unicamente para os modelos gregos, com a sua tragedia *Nabucho* alistou-se de uma maneira deliberada e aggressiva na guerra de allu-





EL-REV. D. FERRANDO DES.

Hollo gr.

sões sediciosas, de que o *Ajax* de Ugo Foscolo havia dado o popularissimo exemplo. N'esta peça figuram, debaixo de nomes assyrios, Pio VII, Napoleão, Carnot, Maria Luiza e Caulaincourt. Depois d'isto Nicolini entrou n'uma lucta aberta e violenta contra os aggressores da Italia, convertendo cada uma das suas tragedias n'um appello directo aos sentimentos da liberdade. D'isto nasce que o genio poetico apenas recorre ás diversas fórmas da arte como a um pretexto para desafogar os seus odios, e que a tyrannia dos oppressores recorre a todos os meios de pressão, afim de suffocar os nobres protestos de uma nacionalidade opprimida. Felice Romani e Bon, apesar dos rasgos brilhantes do seu apreciavel talento lyrico, já não fazem senão accommodar aos theatros da Italia os dramas francezes, ou reduzir ao quadro das composições musicas um ou outro assumpto dramatico da antiga historia italiana.

Mas — diz um critico contemporaneo — a Italia ainda depois de tão acerbos e longos infortunios, se mostra de certo joven e fecunda. Não poderá ella, nação a quem não faltou n'outras eras nenhum genero de gloria, não poderá ella ainda um dia encontrar os portentosos dons do seu genio?!

Parece-nos que já esteve mais longe o futuro auspicioso d'esta generosa aspiração.

Na Hespanha o drama politico tem ligado a todas as suas peripecias a historia dos seus poetas e escriptores: ou, para melhor dizer, a ascensão esplendida de seus vãos ideaes tem encontrado alma e inspiração ardente nos transes afflictivos ou victoriosos das convulsões civis. As revoluções litterarias são apenas um corolario das revoluções politicas, e a historia do Occidente e Meio-Dia da Europa, n'estes ultimos cincoenta annos, assaz o prova com documentos irrecusaveis.

Depois de ter visto raiar dias gloriosos para as letras, e de haver influído com os seus poetas e escriptos no grande movimento dos espiritos do seculo XVI, como a Italia o fizera no seculo antecedente, a Hespanha perdeu de todo o viço da originalidade, procurando debalde retemperar as forças perdidas das suas inspirações nativas na imitação das obras francezas. A exaltação da fé religiosa, o amor ao maravilhoso, os impulsos irresistiveis para o espiritualismo, a cavalheirosa heroicidade dos sentimentos, o arrôjo e desassombro de uma aventureira phantasia, que não só inflammava as idéas, mas exaltava os proprios factos, eram estes os elementos naturaes da litteratura hespanhola, elementos que estimulando e fecundando o genio creador de seus poetas, transpareciam igualmente em todas as manifestações pomposas da sua

sociedade. Era principalmente pelo influxo communicativo da imaginação que predominavam as composições hespanholas. Mas este influxo, cerrados e obscurecidos os horisontes ideaes onde a imaginação solta as azas, esmoreceu e perdeu o condão de suave e attractiva magia, que tão universal tornára o seu imperio. A Hespanha perdéra o seu immenso dominio politico, e descêra á condição de nação de segunda classe. Carlos v, como Luiz xiv, as personificações mais assombrosas da monarchia absoluta, legára o esplendor do seu poder a Philippe II. Mas, decorridos annos, quando a Hespanha perdeu Portugal e os Paizes-Baixos, o fanatismo religioso completou esta serie de destruições. A inquisição, acabando a obra funesta da adversidade politica, gelou nos animos a energia e espontaneidade do pensamento, e atou os vãos á phantasiá poetica. A imaginação dos hespanhoes, comprimida nos seus movimentos, sem os nobres e brilhantes estímulos que dão livre desafojo ao pensamento, estímulos sem os quaes não ha nem concepções audaciosas, nem impulsos de progresso moral ou intellectual, desfallece falha de assumptos grandiosos que a incitem e encendeiem, e fulge apenas de um brilho nublado nos alambicados trocadilhos de uma litteratura affeminada. Gongora foi o monarcha d'esta escóla que fez do estylo poetico uma especie de filigrana de subtilezas metaphoricas, e em que as perluxidades rhetoricas se enlabyrintham nos aguçados conceitos metaphysicos. A esta inyasão do chamado *estylo culto* oppoz-se Ignacio de Louzan com a sua poetica, em que promulgou os preceitos do theatro francez. Mas os excessos de Gongora não acharam um freio na imitação de Racine e Corneille, que, pelo seu lado, tambem se tornou um excesso, pois chegou a tal ponto que os hespanhoes representaram no seu theatro todo o repertorio de Molière, traduzindo até as proprias peças que os poetas francezes haviam copiado dos auctores castelhanos, como o *Cid*, imitado por Corneille de Guillen de Castro.

N'este estado de decadencia apparece Moratin; mas Moratin não é um talento que possa personificar uma restauração, nem no theatro onde mais directamente influe com a sua *Comedia nueva o el cafe* e a *Mogigata*. A restauração litteraria, para a Hespanha, começou depois da guerra da independencia, e foi um dos homens não só denodados nos campos de batalha, mas nas luclas politicas, que abriu o exemplo, com escriptos de pura inspiração nacional, de reanimar a litteratura hespanhola, depurando-a das enxertias estrangeiras. O duque de Rivas foi este homem: junto d'elle surdiram Martinez de la Roza, Alcalá Galliano, Pastor Dias, que animados das idéas de emancipação li-

beral, transmittiram estes puros e ardentes sentimentos de nacionalidade ás obras litterarias. O *Móro esposito* prova que o duque de Rivas é, na esphera das idéas e da inspiração, um membro d'essa illustre familia de genios, que, quasi nos mesmos annos e impellidos pela mesma corrente de impressões, teve representantes em todos os pontos da Europa culta: Byron, Manzoni, Victor Hugo, Almeida Garrett são irmãos, pela genealogia ideal e alteza de porte, de D. Garcia Saavedra. O seu *don Alvaro*, representado em 1835, fez exultar de orgulho o patriotismo hespanhol. Depois raiaram annos fecundos para a litteratura: Espronceda, Mora, Zorrilla, Avellaneda deram realce á poesia lyrica e ao poema epico; e Gil y Zurate, Garcia Gutierrez, Hartzenbusch e Breton de los Herreros resuscitaram na scena a comedia nacional e o drama, dando-lhes a indole e physionomia que lhes communicam a indole da historia.

Mas este impulso, nascido da explosão dos principios politicos, affrouxou com a nova direcção que tomaram as idéas. As discordias internas preocuparam os espiritos e a politica empenhou os primeiros talentos nas suas deploraveis e estercis luctas. As doutrinas da escola nova acharam proselytos faceis e diffundiram-se triumphantemente; mas os seus representantes desapareceram ou confundiram-se por detraz dos periodicos nas polemicas politicas. As esperanças, que de repente se accenderam, desvaneceram-se depressa. Apenas um ou outro nome illustre dos antigos, como um ecco harmonioso, a que se juntaram os esforços de Rubi e Lopes Ayala, concorrem actualmente para a litteratura hespanhola de todo não cahir n'essas publicações de fluctuação quotidiana ephemera, que mais accusam as pretensões do que a seiva do verdadeiro talento litterario de umá época.

ANDRADE FERREIRA.

(Continúa)

287

O NOVO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

PALESTRAS SCIENTIFICAS

Principiarei por fallar do oxigenio e do ar atmospherico, em cuja composiçao encontramos aquelle corpo, e aonde elle exerce funcções tão importantes, que nenhuma outras podem ser para nós de maior interesse, porque d'ellas depende immediatamente a nossa vida e bem estar.

Mas o que é o oxigenio em relação á materia de que o mundo foi constituido? Será um elemento, um corpo simples e diverso de todos os outros na sua essencia, como geralmente o consideram os chimicos?

E podemos nós acreditar com toda a segurança que existem na realidade corpos simples ou elementares?

Não é ainda permittido á sciencia da presente época, apesar dos seus grandes progressos, explicar, com os documentos na mão, como é que a materia cosmica, espalhada pelo espaço desde o origem das coisas, se condensou gradualmente e se converteu n'essa immensidade de corpos celestes, n'esses astros que povoam e abrilhantam o universo.

Mas á nossa imaginação, emanada como a propria materia do grande poder creador, e auxiliada pelas conquistas da sciencia, é facil conceber como safu do cáhos o maravilhoso edificio de toda a creação.

Interessantes questões de elevada phylosophia, e de cuja solução depende a grande theoria da architectura do universo, se levantam n'este momento para serem largamente debatidas pelos homens da sciencia,

mas que tarde serão resolvidas, se as não cobrir eternamente o espesso véo de invencível duvida.

A ambiciosa imaginação do homem desperta a curiosidade e traça um immenso ponto de interrogação sobre a cosmogonia do universo; mas a intelligencia, que tem de afferir a resposta na implacavel balança da razão, vê continuamente oscillar-lhe o fiel, e quasi que desespera de o ver fixar no traço infallível que marca o equilibrio e nos dá a certeza.

Quando pelo pensamento nos transportamos á origem das coisas, com o intuito de descortinar os processos seguidos pelo Creador na construcção do universo, uma questão se apresenta logo, que não podendo ser directamente resolvida, nos leva para o campo das hypotheses, onde a imaginação nos desvaira muitas vezes. Esta primeira questão é a que se refere á unidade ou multiplicidade da materia e da força.

Com uma força unica e uma só materia podia a Intelligencia Suprema construir e conservar o maravilhoso edificio do universo; mas se esta hypothese seduz pela simplicidade, a contraria pôde ainda ser verdadeira e mais proxima está dos limites da nossa observação.

A materia, ao sahir das mãos do Creador, podia muito bem ser uma unica e identica por toda a immensidade illimitada do espaço infinito; mas coisa alguma se oppõe a que o Poder Supremo do universo creasse logo, desde o principio das coisas, diferentes especies de materia, diversos elementos, como aquelles que a chimica admite na constituição dos corpos.

Tambem o movimento e a actividade, em que a materia entrou desde o primeiro dia da creação, ou que a agitava no tumulto organisador do cáhos podia ser produzido por uma unica força, cujos effeitos são tão permanentes como a materia, mas que modificando-se, se manifesta pelos caracteres particulares da gravitação universal, da attracção molecular, da electricidade, do magnetismo, do calorico e da luz, mas tambem coisa alguma se oppõe a que todas estas manifestações, ou parte d'ellas, sejam devidas a forças originariamente diversas.

A physica e a chimica, auxiliadas pela mechanica, ou a sciencia, que apesar das divisões arbitrarias a que a toem sujeitado, não é senão uma, empenham-se actualmente na resolução d'estas questões.

Pelo que toca á unidade da materia, como poderá chegar a chimica a esclarecer as duvidas que a agitam? Será pedindo á analyse que desdobre a materia dos corpos até chegar ao ultimo limite da composição material ou á simplicidade absoluta? Mas aqui não devemos perder de vista que o experimentador nunca pôde dizer que attingiu o limite absoluto, porque os meios de que elle pôde dispor são evidentemente restrictos, ainda que poderosos.

A analyse, armada de instrumentos e forças de ordem muito supe-

rior á d'aquelles que hoje possui, póde um dia chegar, em relação ao planeta que habitamos, a reduzir os 62 elementos, hoje admittidos, a uma unica especie de materia, e com ella poderá tambem a synthese reproduzir a innumera variedade de corpos que constituem o globo. Mas além dos confins da terra não póde a chimica ter a pretensão de resolver experimentalmente esta duvida eterna, a não ser sobre as pequenas massas que dos espaços planetarios se reúnem á terra em fórma de areolithes.

Por longo tempo vagou entre os philosophos a doutrina dos quatro elementos. A terra, a agua, o ar e o fogo eram geralmente admittidos como os constituintes de todas as coisas; mas esta opinião transmittida pelos escolasticos até quasi ao fim do ultimo seculo, talvez não fosse a verdadeira traducção das idéas dos antigos philosophos, e com justo fundamento se póde suppôr, que elles quizeram figurar apenas pela expressão de *elementos*, os estados de solido, liquido, gaz e a combustão ou o impetuoso movimento da materia que se manifesta pelo fogo.

Parece que Empedocles partira da combustão da madeira para estabelecer os seus quatro elementos; e na verdade, quando os vegetaes se queimam, deixam a cinza que representa a terra, ardendo em fogo emittem os vapores da agua, que o frio condensa, e o gaz acido carbonico, que na apparencia se confunde com ar.

Os alchimicos adicionaram á lista dos elementos de Empedocles o mercurio, o enxofre e o sal. Nicolau Le Fevre admittia como elementos; o *phlegma* ou agua, o *espirito* ou mercurio; o *enxofre*, o oleo, o sal e a terra; e assim como os philosophos gregos concebiam a existencia de um fluido tenuissimo, que enchia o espaço do universo, e que designaram com o nome de *ether*, tambem Le Fevre julgou necessario admittir um elemento de outra ordem, a que chamou *espirito universal*, que emanava dos astros, debaixo da fórma de luz; que se corporificava no ar, e produzia quasi todos os phenomenos observados nos mineraes, nas plantas e nos animaes. Veiu depois o *phlogisto*, trazido pelas opiniões de Stahl, augmentar o número dos elementos hypotheticos ou apparentes; e sobre todos elles as idéas continuaram a ser demasiadamente incertas e de nenhum modo claras.

Lavoisier, estabelecendo os principios rigorosos da analyse, lançou por terra todas essas phantasmagorias de uma sciencia incompleta, inexacta e pretenciosa. Não inventou elle os elementos, mas classificou os corpos conhecidos pela chimica, e estabeleceu a distincção verdadeira entre simples e compostos, traçando desde então para a sciencia um programma racional de que ainda esta se não afastou.

A sua theoria não tem a pretensão de dar os resultados da analyse como os ultimos limites da natureza. N'ella um corpo reputa-se simples quando é refractario a todos os meios e agentes de decomposição;

a sua simplicidade ou elementariedade é relativa aos meios e esforços empregados para o decompor. Os discipulos da escola de Lavoisier, que foram além d'estas idéas, e que tomaram a simplicidade dos elementos como absoluta, peccaram contra a boa logica.

No discurso preliminar do seu tratado elementar de chimica, Lavoisier mostra a mais prudente reserva sobre este ponto, como se póde ver do seguinte passo :

«Tudo o que se póde dizer sobre o numero e natureza dos elementos, limita-se, na minha opinião, a discussão puramente metaphysica: são problemas indeterminados que nos propomos resolver, que são susceptiveis de uma infinidade de soluções, mas a respeito das quaes é muito provavel que nenhuma em particular esteja de accordo com a natureza. Contentar-me-hei pois em dizer que se pelo nome de elementos julgamos designar as moleculas simples e indivisiveis que compõem os corpos, é provavel que não as conhecemos: mas se pelo contrario unimos ao nome de elementos ou de principios dos corpos a idéa do ultimo termo a que póde chegar a analyse, todas as substancias, que ainda não podemos decompor por meio algum, são para nós elementos; sem comtudo poder assegurar que estes corpos que olhamos como simples, não sejam effectivamente compostos de dois ou maior numero de principios, mas porque não se separando estes principios, ou antes não tendo nós meios de os separar, actuam a nosso respeito á maneira de corpos simples e não devemos suppor que são compostos senão desde que as experiencias e observações nos derem d'isso a prova.»

Na lista, que elle nos deixou dos corpos, que reputava elementares, vemos 26 dos que ainda como taes se consideram, sem fallar da luz e do calorico que a physica moderna não acceita como substancias materiaes, e outros que os progressos successivos da sciencia demonstraram ser compostos. N'esta lista entram os metaes então conhecidos, e os radicaes não metallicos a cuja frente se encontra o oxigenio.

Todos sabem que a lista dos corpos simples ou elementares foi consideravelmente augmentada desde o principio d'este seculo até aos nossos dias, elevando-se o seu numero até 64, ou pelo menos a 62, que hoje são admittidos como inteiramente distinctos.

Um chimico inglez o Dr. Prout imaginou haver descoberto entre os pesos dos diversos corpos elementares, que entram nas reacções, uma relação numerica muito simples, que o levou a concluir que todos elles eram multiplos do peso do hydrogenio, o mais leve de todos os elementos. A consequencia immediata d'este facto seria que todos os corpos elementares resultavam da condensação mais ou menos completa do hydrogenio. O hydrogenio era n'esta hypothese a materia unica reduzida á extrema simplicidade.

Berselius um dos maiores analysts do presente seculo, parece, segundo a opinião do sr. Dumas, ter morrido na convicção de que os elementos simples da chimica mineral eram seres distinctos, independentes uns dos outros, e cujas moleculas nada tinham entre si de common, senão a sua fixidez, a sua immutabilidade, a sua eternidade.

Eu não creio que Berselius tenha, em parte alguma dos seus escriptos, deixado consignada uma opinião tão absoluta. O systema que adoptou para a contagem dos equivalentes não é prova sufficiente de que a sua opinião fosse contraria á unidade da materia cosmica.

Seja porém como fôr, hoje em dia acham-se frente a frente duas opiniões distinctas, duas theorias diversas e oppostas. Uma, que não quer ultrapassar os limites da experiencia, admite a simplicidade dos elementos da chimica moderna; a outra, considerando o limitado poder dos nossos meios analyticos, presume com rasão, que ha alguma coisa mais além do que actualmente vemos, e suspeita com bons fundamentos que a hypothese da unidade da materia é a verdadeira e procura demonstral-a.

A primeira theoria pertence á chimica conservadora, a segunda á chimica progressiva.

Qual d'ellas triumphará? Ninguem o póde dizer.

A theoria, que admite a diversidade dos elementos, tem por si os resultados practicos e palpaveis da analyse chimica.

Aquella que considera uma unica materia cosmica como origem de todos os corpos, está de accordo com um grande principio philosophico—a simplicidade das causas para a multiplicidade dos effeitos—e é auxiliada pelas doutrinas e pelas observações modernas da physica e da astronomia, sem que a geologia a possa desmentir.

É natural que nunca os homens possam escrever a historia da formação do mundo; mas, tomando por balizas os grandes descobrimentos das sciencias physicas, podem figurar na sua imaginação o plano adoptado pelo Supremo Architecto do Universo na construcção do maravilhoso edificio da natureza.

A materia cosmica ou primordial podia, no principio das coisas achar-se uniformemente espalhada por todo o espaço; as forças a que o creador a submetteu actuaram sobre ella, e a materia começou a condensar-se em varios pontos d'este campo infinito que chamamos o universo; constituiram-se então as agglomerações pouco definidas da materia, semelhantes ás nublosas não resoluveis, que os astrónomos nos mostram ainda hoje nos espaços celestes, e que podem ser astros em via de formação. Uma agglomeração mais completa da materia, uma condensação mais poderosa do elemento estellar constituiu os astros. Esta agglomeração ou condensação gradual da materia cosmica, podia então dar origem a diversos corpos ou substancias como aquellas que no nosso

planeta observamos. N'este caso esses corpos seriam systemas moleculares definidos, por forças desconhecidas até hoje, e por isso figurando em relações aos nossos meios, como se foram verdadeiros elementos.

Se a analyse tivesse demonstrado a veracidade da relação entre o equivalente do hydrogenio e os dos outros elementos, como o Dr. Prout a havia concebido, poderíamos então com grande plausibilidade supôr, que o hydrogenio era essa materia elementar de todos os corpos. As experiencias mais rigorosas que se tem empregado na determinação dos pesos equivalentes dos corpos simples da chimica actual, mostram que nem todos se conformam com aquella hypothese; porém os ultimos trabalhos e estudos do sr. Dumas fazem vêr que, se alguns equivalentes não são multiplos do equivalente do hydrogenio, todavia o são de $\frac{1}{2}$ ou $\frac{1}{4}$ d'esse equivalente. Então é licito supôr, sem incorrer em absurdo, que a materia primordial e elementar é uma substancia desconhecida, cujos atomos ou moleculas pezam a quarta parte da molecula do hydrogenio, ou por outra que um atomo ou molecula do hydrogenio se formou pela condensação de quatro moleculas d'essa materia primordial.

Não levarei mais longe esta discussão, que aqui não pôde ser tratada com a clareza necessaria e a que teem direito os leitores d'este jornal. Contento-me apenas em indicar as duvidas e as suspeitas, que hoje grassam no campo da sciencia, sobre a simplicidade absoluta dos corpos que a chimica admite como elementares.

O oxigenio será um elemento, um corpo simples no absoluto rigor da expressão? A esta pergunta, que apresentei no principio d'este artigo, ninguem podêra responder com sufficiente auctoridade. Os que exposam a theoria da unidade da materia cosmica, respondem negativamente, mas não podem exhibir as provas positivas da sua asserção. Os que admittem a polyelementariedade, respondem que o oxigenio é um corpo simples por que a chimica o não pôde decompôr; mas a chimica de hoje não é a chimica de amanhã, como os homens d'este seculo já não são os mesmos do seculo passado. O que não alcançou o empréstimo de Kepler, obteve-o a analyse de Newton. O que Stahl não poude ver, demonstrou-o evidentemente Lavoisier, e Lavoisier apesar do seu grande genio não viu tudo, por que os seus successores teem enriquecido prodigiosamente o inventario da chimica.

Simples ou composto, o que é verdade, é que para nós o oxigenio é um corpo distincto de todos os outros, dotado de qualidades caracteristicas e de grande energia, e actividade chimica e que por isso as suas funcções na ordem material do mundo são das mais importantes.

A experiencia de Lavoisier, que citei no artigo antecedente, aquella

experiencia fundamental que foi a primeira manifestação das tendencias da chimica moderna, mostrou claramente que o ar atmosferico era na sua essencia composto de dois corpos gazosos de natureza diversa. Um, indifferente aos metaes, sem tendencia alguma para se combinar com elles, incapaz de servir á respiração e improprio para alimentar a combustão; n'elle os animaes morrem asphixiados e a luz de uma vela immediatamente se apaga. Este é o *azote*. O outro, ou espontaneamente ou auxiliado pelo calor, entra em combinação com os metaes e com elles constitue compostos particulares e diversos dos proprios metaes: com o mercurio, que é liquido e brilhante, fórma uma substancia solida, rubra na côr, pulverulenta na fórma e baça no aspecto, que a medicina emprega em varios casos: com o chumbo produz o massicote e o azarcão de que as artes se servem: com o ferro dá origem á ferrugem, que destroe os utensilios e instrumentos d'aquelle metal tão util como vulgar; finalmente, unida a cada um dos outros metaes, produz substancias muito diversas pelas suas qualidades e applicações. Este é o *oxigenio*.

Se mergulharmos no ar privado do oxigenio um pavio acceso, vel-o-hemos apagar-se immediatamente. Se pelo contrario o mergulharmos no oxigenio, arderá com extrema violencia; o proprio ferro, reduzido a fio delgado, e tendo na extremidade uma pequena porção de isca accessa, sendo introduzido em um frasco cheio de oxigenio, incendeiase facilmente e arde com grande vivacidade, derramando brilhante luz, que exparge vivas centelhas em todas as direcções.

Se tambem n'uma porção de ar, que não contenha oxigenio, introduzirmos um animal vivo, dentro em pouco vel-o-hemos cair morto; mas se antes de expirar o transportarmos para um espaço cheio de oxigenio novamente recuperará a vida, activando-se a respiração por tal modo que parece redobrar; e tão activa se torna esta funcção, que os órgãos respiratorios entram n'um estado inflammatorio a que o animal não pôde resistir por muito tempo, acabando por succumbir, para assim dizer, ao excessó da vida.

Para separar de entre si o oxigenio e o azote do ar, Lavoisier ffixou o primeiro d'elles ao mercurio e do composto produzido separou aquelle gaz pela acção de um forte aquecimento.

Os chimicos hoje não carecem de empregar o mercurio para obter o oxigenio: muitos corpos nos podem servir para o alcançarmos por meios simples e pouco dispendiosos, de modo que a preparação do oxigenio é hoje operação de pouco momento.

A quantidade de oxigenio que existe no globo é immensa e quasi incalculavel. Mais de uma quinta parte do ar que circunda a terra é de oxigenio. A agua do mar, a dos rios e das fontes, toda a que circula pela terra, toda a que, nas regiões polares e nas montanhas elevadas,

existe congelada, toda a que no estado de gaz se move no vasto campo da atmospherá, em vapores invisiveis ou em nuvens, d'onde se desprendem as chuvas e as neves, toda ella contém mais de 88 por 100 de oxigenio.

Na parte solida do globo a quantidade d'este principio não póde ser inferior áquella que entra na constituição do ar e da agua, antes a deve exceder, se attendermos ao seu estado de condensação. As rochas calcareas que constituem a maxima parte das formações stratificadas da terra, contém 50 por 100 de oxigenio. Os granitos, os prophyros, os basaltos e todas as rochas siliciosas, as areias, os barros e argilas encerram uma porção incalculavel de oxigenio. Finalmente na constituição dos seres vivos, nas plantas e nos animaes que povoam a superficie da terra, ou vivem mergulhados nas aguas, entra ainda aquelle principio em notavel proporção.

Quantidade tão prodigiosa de um elemento, dotado de energia tão efficaz, ou, como dizem os chimicos, de tão fortes afinidades devia necessariamente representar na formação do nosso planeta, e provavelmente na ordem dos outros corpos celestes, um dos mais importantes papéis, senão o mais consideravel.

(Contiúua)

J. PIMENTEL.

Mestre Marçal não via a precisão de lhe averiguarem a naturalidade.

— «Edade?»

— «Quarenta e quatro annos. Hei de fazel-os para o S. João que vem.»

— «De vossa profissão fogueteiro?»

— «Quando havia fogueteiros» — observou malignamente o mestre. O homem sorriu.

— «E de vosso estado, casado?»

— «Casado, é verdade.»

Mestre Marçal suspirou este «é verdade» como quem diz: «desgraçadamente.»

O homem tornou a sorrir.

— «Prompto» — disse terminando expeditamente a sua escripta; e, abrindo a porta que lhe ficava ao lado, foi para dentro.

Passados momentos voltou e disse a mestre Marçal:

— «Podeis entrar.»

Mestre Marçal tinha tomado a prudente resolução de já se não admirar de nenhuma occorrença, por mais disparatada que lhe parecesse.

A salla que se seguia, e onde o mestre foi introduzido pelo individuo das perguntas, ficando fóra os dois homens de capa, pouco desdizia da mobilia da outra e pouco se lhe avantajava.

As janellas sem colgaduras. De friso a friso das hobreiras, nas paredes lateraes, longos renques de prateleiras de pinho da terra, vergando ao peso de grossos manuscriptos, atados com guitas ou nastro vermelhos. De rosto para a porta de entrada, e corrida com o fundo da casa, uma estante de guaiáco torneada arrebetando de folios veneraveis. A outra mesa, mais vasta e mais acceadamente coberta do que a antecedente, outro homem, de escuro como o primeiro, estava como elle sentado á mesa. Uma cadeira de espaldas, de couro de Flandes, com ornatos em relevo e pregaria amarella, indicava a preeminencia da pessoa.

O homem era uma creaturinha de sessenta a setenta annos, ainda fresco e bem disposto, todo elle viveza e movimento. Não tinha nos modos nem no aspecto a menor apparencia de severidade. O olhar impenetravel era porém tão frio e tão agudo, que se sentia cortar. Tinha a cabeça já branca, o rosto vermelho e mãos femininas.

— «Chegae-vos, mestre Marçal» — disse o homemsinho ao fogueteiro n'um tom benigno e paternal, que dilatou a este as esperanças e lhe restaurou as alegrias.

Depois, dirigindo a palavra ao introductor, accrescentou:

— «Verificastes ser o proprio?»

— «Verifiquei» — tornou o interpellado com toda a prolixidade das locuções formalistas. — «O proprio é por sua mesma declaração e confissão.»

— «Sim, meu senhor» — confirmou o mestre, que já se via festejado e favorecido. Sou eu, mestre Marçal, fogueteiro... no meu tempo... para tudo o que poder servir a Sua Mercê.

— «Já por vezes haveis fabricado em vossa casa alguns artefícios de fogo, que tendes lá mesmo deitado, não?»

Mestre Marçal, que viu n'esta pergunta, que era uma verdadeira affirmativa, a rasão da sua popularidade, e talvez a origem da sua fortuna, respondeu com o desdem da superioridade.

— «Aquillo não foi nada. Um desenfado apenas. Se visseis...»

O homunculo franziu o sobrôlho espesso e grisalho e atalhou:

— «Ah! não foi nada!»

Esta interrupção fez reflectir mestre Marçal. Como se podia ter sabido um segredo, que elle julgava tão recatado e occulto?

Estando porém convencido plenamente da inutilidade de dissimular com uma pessoa em quem via, mais que um protector, um admirador, quiz sómente esclarecer as suas duvidas:

— «Como soube Sua Mercê?» — inquiriu entre a curiosidade e o mysterio.

— «Nós sabemos tudo» — acudiu laconicamente o homunculo.

Depois continuou:

— «Esta noite, depois de Trindades, fostes ás terras da Cotovia...»

— «Experimentar um foguete» — respondeu mestre Marçal, sem deixar concluir a phrase, e já a cem leguas das ordenanças — «É certo. Mas não pense Sua Mercê que era um foguete como os outros.»

— «Ah! não era!»

— «Não era, posto que o parecesse... Sua Mercê assim mesmo gostou?»

— «Pois não havia de gostar! Digo-vos que estou maravilhado.»

Mestre Marçal esfregou as mãos.

— «Se soubesseis, meu senhor, que arteficio novo e estupendo eu tinha ali preparado? Havia de assombrar tudo.»

— «Dizeis, mestre?»

— «Digo que assombraria toda a gente.»

— «Com que então haviéis preparado um arteficio, que havia de assombrar tudo! E como entendeis assombrar?» — ponderou o homunculo, recostando-se, cruzando os braços n'uma attitude de apparente indolencia, e por entre as palpebras meio cerradas vibrando dois raios sobre o fogueteiro desprevenido.

Este respondeu candidamente:

— «Assombrar... de admiração!»

— «Ah!» — articulou o interrogante com uma inflexão lenta e meditativa.

— «Falhou» — redarguiu o mestre. — «Toda a gente se póde enganar uma vez» — accrescentou philosophicamente.

— «Não só uma vez, senão duas vezes, mestre Marçal.»

— «Duas não seria facil» — tornou este como quem está perfeitamente seguro de si.

— «Estaes então disposto a tentar de novo o lance!»

Mestre Marçal, cuidando ver n'esta provocação um indirecto convite a maior franquesa, olhou em torno com ar de precaução, approximou-se da mesa, e disse em voz baixa para o homunculo:

— «Se achasse alguém de vulto que se quizesse utilizar do meu prestimo, assim para coisa de maior, veria, veria então Sua Mercê, ou Sua... que eu não sei com quem estou fallando...»

— «Já vejo que estaes com boas tenções, mestre Marçal. E com effeito não vos disseram ainda em presença de quem estaes?»

Mestre Marçal olhou interrogativamente para o individuo que o introduzira; e, como este não respondesse, replicou balbuciando:

— «Não, senhor meu: nada me disseram pelo caminho. Mas eu penso... creio... Em todo o caso, aqui estou prompto para o que me ordenarem.»

— «Sinto dizer-vol-o, mestre Marçal, estaes prompto para entrar na cadea do Tronco, aonde vos mando já conduzir.»

— «É o senhor corregedor do crime» — observou officiosamente o outro sujeito de negro, que era o escrivão da correição, com uma obsequiosidade de modos, que n'outra occasião teria penhorado infinitamente mestre Marçal. Em tal momento porém todos os lenitivos se tornavam inuteis e todas as civilidades absolutamente superfluas. O desmaio das suas phantasias era completo, e o desengano da sua situação era terrivel.

— «Misericordia!» — bradou o misero, vergadas as pernas como dois parenthesis.

E caíu de joelhos, fechando as mãos na cabeça, como se um raio lhe houvesse estoirado em cima!

VII

DA INFLUENCIA QUE TEVE A LINGUA DA SENHORA MEDÉA NO DESTINO DE MESTRE MARÇAL

Quando, defronte de S. Luiz dos francezes, fôra interceptado pelos dois embuçados, mestre Marçal teve suas suspeitas do que podia ser, e deve-se dizer que uns longes d'ellas lhe tinham por vezes visitado a

imaginação assombrada nos varios incidentes d'aquella noite funesta.

Uma circumstancia grave lhe dissipára porém o terror e lhe afugentára as imagens tétricas, confirmando-o successivamente na commoda novella, que havia forjado para seu uso. Fôra esta circumstancia a perfeita urbanidade, que, por um acaso feliz e sempre raro, achára nos quatro individuos com quem houvera de lidar.

Ignorando o mundo, mestre Marçal fazia do tracto social das justicas d'el-rei a idéa mais pavorosa e menos favoravel que era possivel conceber-se. Como, até ao dia malfadado em que a paixão da arte o levára a commetter o primeiro delicto, nunca tivera dares nem tomares com ella, o honrado fogueteiro figurava-a lá comsigo de um desenho medonho e pintava-a com as mais negras cores. No seu conceito um beleguim era inevitavelmente um ógre, um meirinho uma harpia, e um juiz a cabeça de Medusa.

Estas comparações, bem entendido, não as fazia mestre Marçal, que não era assaz versado nas chronicas de Iornandes e Amiano-Marcelino para ter familiaridades com o genuino sentido das temerosas ficções da idade media, e que difficilmente citaria a proposito os mythos gregos, não possuindo na interpretação d'elles, segundo todas as probabilidades, a sagacidade erudita do abbade Banier. Similhantes imagens são apenas uma traça do author para exprimir a ascendente intensidade do horror do mestre, medida pelas differentes graduações da gerarchia judicial.

A affabilidade e os bons termos eram aos seus olhos qualidades absolutamente incompativeis com os homens d'aquella classe. Não lhe era possivel imaginal-os senão arripiados de modos, hirsutos de figura, e ferozes de instinctos.

A fallar a verdade mestre Marçal não errava de todo. As relações ordinarias da justiça com as pessoas da sua condição eram effectivamente muito pouco benevolas e apraziveis. O carinho não era o fraco dos homens de lei, e menos ainda na sequella dos honrados malsins de todas as ordens. Se ainda hoje as conjecturas do mestre não vão muito longe da realidade, póde suppor-se o que havia de ser n'aquella época.

Toda a regra porém tem excepção.

Mestre Marçal tinha tido a phenomenal ventura de acertar com quatro excepções, ou antes com a excepção de um corregedor do crime, systematicamente obsequioso de palavras, que á sua imagem e similhaça affizera, como é costume, todos os subordinados.

É verdade que não estava mais adiantado por isso. O corregedor era polido como o aço, mas duro como elle.

Desde que mestre Marçal, illudido pelas apparencias, assentára de si para si que os dois mysteriosos desconhecidos não podiam pertencer

à justiça, peitado de outras idéas, e vencido do demonio da ambição e da vaidade, esquecera de todo, não só a sua usual circumspecção, senão as mais triviaes suggestões da prudencia. Serenado o sobresalto das primeiras surpresas pela blandicia dos diversos interlocutores, estes haviam-lhe naturalmente parecido outros tantos confidentes.

Imagine-se pois qual seria a sua stupefacção e atordimento ao ouvir estas palavras, tão pouco esperadas:

— «É o senhor corregedor do crime!»

Quanto ao modo porque a justiça estava já tão bem informada a seu respeito, era a coisa mais simples d'este mundo.

Tendo por aquelles tempos, como já foi relatado, occorrido contra as ordennanças prohibitivas algumas infracções, cujos authores haviam ficado ignorados, o governo de Castella, temendo que do resfriamento da léi se seguisse o seu descredito, e do descredito abusos perigosos, havia com grande urgencia recommendado para Lisboa a maior vigilancia e rigor.

Em consequencia d'estas recommendações, o regedor das justiças passára as ordens competentes aos tribunaes, e aos dois corregedores do crime, que então possuia Lisboa, os quaes corregedores tinham jurisdicção e alçada para prender e processar no recinto da cidade, e cinco leguas em redondo, que era o termo.

Dos corregedores o apertado aviso passára ao meirinho, e aos onze alcaides, que faziam a policia da cidade.

Descendo na escalla, cada alcaide tinha-o igualmente transmittido aos doze homens, oito de chuça, e quatro de capa e espada, que a lei e o uso lhe attribuiam para exercicio das suas funcções.

Um dos ultimos era visinho de mestre Marçal, que, vivendo retirado e desgostoso, não só ignorava o seu tracto, mas nem sequer uma vez lhe fallára, e portanto mal podia conhecê-lo.

A mulher d'este homem, a proposito de uma franga pedrez, tivera grandes desavenças e ralhos com a senhora Medéa, a qual na fórma do seu louvavel costume a brindára com um diluvio de sotaques e improperios, que pareciam o artigo de fundo de um oraculo de moralidade n'estes tempos de civilisação.

Entre outras injurias grossas chamara-lhe: «velha desdentada.» Como a respeitavel matrona passava com effeito dos cincoenta, e, em consequencia de uma constipação nos queixos, tinha só seis dentes, em mau estado de servir, e em peor de se apresentar, o tiro dera em cheio, e a digna esposa do beleguim nunca mais perdoára tão desabrida affronta.

Não contente com uma imprudencia, que a indispunha com as justiças, a senhora Medéa tivera a notavel inconsideração de ir contar a outra visinha, — em segredo já se vê, — que o seu Marçal queimára

uma duzia de valverdes em dia de Anno Bom; isto com muitos queixumes do perigo de um incendio, e dos desperdicios d'aquelle homem, que era a sua desgraça.

Affectando receios, que dando ao marido ares de verdugo a prendavam com uma solitudine exemplar, rematou pedindo encarecidamente que não dissesse nada a ninguem, o que a discreta creatura lhe affiançou com um sem numero de juras, muito parecidas com pragas.

A visinha, temendo criar bolor na lingua, julgou que um caso d'esta importancia não devia ella monopolisal-o; e foi em continente segregar a uma sua comadre, paredes meias, que mestre Marçal fazia o desproposito de deitar todos os mezes duas duzias de morteiros em casa, e era um bargante que dava cabo de quanto tinha a pobresinha da mulher.

Quando a nova se approximou ao fim do becco, dizia-se ao ouvido que o dissoluto e valdevinos do visinho Marçal punha por portas aquella boa alma da tia Medéa, porque tinha o sestro extravagante de deitar todas as semanas um fogo de vistas no pateo.

Ao sol posto d'esse dia, o honrado pyrotechnico, sem o saber, gozava no sitio a reputação de uma indole intractavel e de um perdulario insigne, em quanto a amavel consorte era tida na conta de um modelo de mansidão e virtudes, victima da sua abnegação conjugal — com tal arte soubera ella aproveitar a occasião para insinuar sacrificios que não fazia, e com tanta efficacia a auxilliava o espirito palreiro da respeitavel corporação das mexeriqueiras, que em todos os tempos, e em todas as classes teve sempre os seus valores entendidos.

De visinha em visinha, e de porta em porta, chegára a noticia á mulher do beleguim. A mulher do beleguim foi logo communicar ao marido. O marido, que era um homem prudente, ponderou que se não devia acreditar senão metade do que se dizia, e preveniu immediatamente o seu alcaide.

D'ahi por diante mestre Marçal tornára-se o alvo de uma vigilancia persistente e activa.

A sabida do mestre a horas desusadas, e para longe do bairro, dera nos olhos ao visinho beleguim, que o espreitava quotidianamente. Seguiu-o por tanto com as precauções do officio.

Ao Rocio, encontrára um confrade da mesma esquadra, e agregara-o a si communicando-lhe a empreza. Feito isto, não lhes escapára o menor movimento do desditoso Marçal, que as suas preoccupações cegavam, e que, mesmo no seu estado normal, nunca poderia competir em astucia com os experimentados agarradores, quanto mais avantar-se-lhes de fórma que podesse precaver-se d'elles. O mestre, seguido com obstinação e recato, nem dera por isso.

O que os dois beleguims tinham visto constituia um cumulo de pro-

vas sufficiente para se apoderarem da pessoa do contraventor. A ingenuidade das suas confissões confirmára tudo sem trabalho.

O corregedor do crime, em cujas mãos mestre Marçal cahira, era um homem, que, apesar do seu modo affavel e adocicado, tinha um masso de processos no lugar em que os outros teem o coração. A sua constante ambição punha o fito em chegar, o mais depressa que podesse, a Desembargador dos Agravos, com assento na Casa da Supplicação, logar eminente e pingue, que era a terra da promessa para a magistratura da época.

Anhellando lograr este fim, tão desejado como arduo de attingir, nada lhe custava, e todo o seu empenho era assignalar-se por algum serviço importante. O corregedor conhecia o espirito suspeito e desconfiado da governança de Castella. Se alcançasse pôr o dedo n'alguma boa conspiração, ou mesmo n'um simulacro d'ella, tinha como certo o abreviar consideravelmente a distancia, que ainda o affastava do termo das suas aspirações.

Costumado quasi exclusivamente a lidar com as artes e manhas dos criminosos endurecidos, não pudéra acreditar que a miraculosa simplesa de mestre Marçal fosse coisa natural, e proviesse unicamente do acanhamento da sua penetração. Comprazia-se em planear sobre a vulgar occorrença, que tivera logar com o fogueteiro, um problema judicial, cuja solução lhe daria creditos de homem sagaz e zeloso, e o poria em bons termos com o Conde Duque, ministro omnipotente. Em todo o caso sempre attestava o seu desvello pela integridade d'aquella lei, que tamanha attenção estava merecendo á côrte.

O juiz sem querer, igualava-se mentalmente com o réo pela secreta inspiração d'um desejo análogo nos differentes gráus da respectiva cubiça.

N'esta disposição o corregedor resolveu-se a continuar o interrogatório, fitando no pobre de mestre Marçal uns olhos, que pareciam trespassal-o.

Ebrio de terror, o primeiro impulso do fogueteiro mal tornou um pouco a si, foi abraçal-o pelos pés, exclamando n'um tom de angustia tão pathetica e verdadeira, que lhe apagava o ridiculo da figura e commoveria o mais duro coração.

— «Senhor corregedor não me desgraceis! Senhor corregedor, era uma experiencia, não era mais que uma experiencia. Como não desculpareis, senhor corrogedor, se com isto nasci e com isto me creei! Era já a profissão de meu pae. Nunca tive outra. Era a minha enchada; e estava tão costumado que não podia passar sem ella. Foi o demonio que me cegou. Mas eu protesto-vos que nunca mais, nunca por nunca ser, tornarei a bulir n'um bago de polvora. Senhor Corregedor, amerceae-vos de um pobre, que é a primeira vez que passa por esta desgraça, e por estas vergonhas! Senhor Corregedor!...»

Mestre Marçal não sabia que era mais facil mudar os celebres Paços de Corte Real para a Trafaria do que abalar aquella alma petrificada. Um tigre perdoaria; elle regosijava-se.

VIII

DE COMO MESTRE MARÇAL, VERIFICANDO O SEGREDO DO SEU ARTEFICIO, DESCUBRIU A FINAL QUE UM FOGUETE SE PODIA TRANSFORMAR N'UMA CARAVELLA

O Corregedor, se não tinha uma conspiração, possuia um infractor. Não o dera por uma moradia em Palacio.

Por unica resposta, estendeu o braço e entregou a lei fatal ao escrivão da correição.

— «Lede» — disse em tom imperioso e terminante.

O escrivão leu da primeira á ultima syllaba.

Era escusado: mestre Marçal sabia-a de cór.

— «Mas, senhor Corregedor, se não foi por mal!» — murmurou o fogueteiro com um abafador na garganta entaboada.

— «Tendes um modo de evitar maior pena» — proseguiu o inflexivel magistrado.

— «Que modo, senhor Corregedor?» — tornou ancioso o infeliz, erguendo-se e respirando como o naufrago que deita a mão a uma prancha.

— «Confessar quem são os outros.»

— «Sua Mercê diz...?»

— «Digo que reveleis o nome dos vossos cumplices.»

— «Cumplices! De que?»

Mestre Marçal, não podia acreditar que fossem necessarios cumplices para fabricar os seus productos.

— «Com que fim vos fostes a lançar um foguete ás terras da Cotovia?»

— «Com o fim de experimentar um novo arteficio de minha invenção.»

— «E que arteficio era?»

— «Uma transformação. Não sahiu bem d'esta vez; mas...»

Mestre Marçal, nas incorregiveis cegueiras da sua paixão dominante, ia a dizer:

— «Mas para a outra melhor será.»

Um gesto expressivo do Corregedor embainhou-lhe a palavra imprudente seccando-lhe a bocca.

— «Ou este homem é um mentecapto.» — pensou aquelle — «ou é o mais fino conspirador, que jámais cahiu em mãos da justiça.» Custando-lhe porém a desistir das complicações, que os homens de

lei se prazem em enredar na phantasia, e não se resolvendo ainda a perder totalmente a esperança de um tenebroso processo, como aquelles a que o amor da argucia inclina as predilecções forenses, continuou em voz alta:

— «Assim, presistis em vossas negativas e absurdas desculpas? Não tendes cúmplices!»

Mestre Marçal daria tudo, até a senhora Medéa, principalmente a senhora Medéa, para ter um cúmplice! mas, por mais que fizesse, não podia achar senão a cumplicidade de uma ponta de barbante, que do bolso lhe pendia accusadora, resto do que lhe servira para dispôr a malaventurada machina.

Uma denegação muda foi a sua unica replica.

— «A prisão o fará fallar, se é o que supponho» — reflectiu consigo o corregedor — «Se é só o que parece, já temos em quem punir a infracção.»

O bom do Corregedor, com a mira nos seus particulares intentos, o que prova que a sordidez do interesse não é de hoje, não tractava tanto de averiguar a importancia do crime como de colher sem muito escrupulo uma entidade criminosa.

— «Bem!» — proseguiu dirigindo-se ao escrivão — «Levem-n'o á cadéa do Tronco: ficará incommunicavel.»

— «Senhor Corregedor!...» — bradou o triste, pondo as mãos e erguendo-as ao céo no derradeiro e supremo esforço da tribulação.

O Corregedor inexoravel fez um signal. O escrivão abriu a porta, e entregou o prezo aos dois homens de capa, que esperavam na ante-sala.

Mais morto que vivo, mestre Marçal sahiu machinalmente com elles.

As ruas estavam já desertas. Os habitantes da cidade recolhiam cedo n'aquella época. O transito nocturno era sujeito aos mais graves inconvenientes. Apenas algumas raras andas, ou liteiras, de damas principaes, precedidas de um escravo que allumiava o caminho, e ladeadas dos pagens e homens de cavallo correspondentes á sua qualidade e gerarchia conforme as regias provisões, atravessavam a passo lento as ladeiras tortuosas que vinham dar ao valle do Tejo; apenas algum embuçado bem precavido, escondendo igualmente o rosto e as tenções, perpassava preocupado e rapido, ou se cozia com as esquinas topando os capas do alcaide.

Estes siléncios e estes vultos lobregos apertavam ainda mais o coração de mestre Marçal.

Torneando a rua dos Escudeiros, e passando a freguezia de S. Nicolau, os companheiros do mestre, que já a este pareciam de muito menos agradável convivencia, entraram com o preso no Terreiro do Paço pela porta do Arco dos Barrotes, e seguiram por de traz do Palacio Real e pela porta do Arco das Pazes.

Os motejos dos arcabuzeiros da guarda do Paço acompanharam o pobre fogueteiro até quasi ao torreão novo da Casa da India, d'onde os capas o levaram ao outro lado pela porta dos Armazens, dirigindo-se depois á Tanoaria e enfiando pela porta dos Cubertos até o encerrarem na prisão do Tronco, enxovia destinada aos malfeitos, situada na rua denominada tambem dos Cubertos, que ficava pouco mais ou menos, fronteira ao local, onde hoje existe o Arsenal da Marinha.

Quando mestre Marçal sentiu ranger os gonzos de ferro, correr os pesados ferrolhos e cerrar sobre elle as grades grossissimas, pensou que o fechavam n'um sepulchro. Quando ouviu as pragas, os brados, as vociferações, os alaridos, as blasphemias, que lá iam por dentro cuidou que dava a sua entrada no inferno.

Felizmente, o espirito mobil do mestre não conservava por muito tempo a intensidade das sensações.

Pela madrugada mestre Marçal adormeceu dizendo consigo, que, a final, inferno por inferno, o de sua casa não era muito preferivel. Como o mestre seguia a philosophia, muito catholica e discreta, de que tudo quanto Deus faz é pelo melhor, consolava-se com a idéa de ter assim evitado as verrinas conjugaes, que elle via erguerem-se ameaçadoras, com um «continuar-se-ha» eterno.

Ao outro dia, mal acordou, o primeiro «Deus vos salve», que de longe lhe soou na masmorra, foi a voz retumbante da senhora Medéa, a quem a mulher do beleguim fôra officiosamente prevenir, com apparente esquecimento das passadas affrontas, para saborear pessoalmente, a vingança, que é o prazer dos deuses e das visinhas taramelleiras.

A senhora Medéa, da banda de fôra das grades, desfazia-se em imprecações contra o parvo do marido, que, por culpa sua, dizia ella, estava entre ferros de El-rei, regalando ao mesmo tempo de uma apostrophe furibunda os guardas, que, sob o pretexto de se achar incomunicavel o preso, não a deixavam entrar para despejar na propria cara do mestre o mais que lhe sobrava para dizer áquelle homem!

— «Então porque não hei-de entrar?»

— «Já se vos disse, mulher.»

— «Mulher!... Vede lá como fallaes.»

— «Mulher ou diabo, para nós é o mesmo.»

— «Atrevidos! Villões desbragados! Almas de chinello! Perros judeus!»

Um dos guardas, que se divertia particularmente com aquella furia inexaurivel de epithetos, tornou-lhe com todo o serio de uma contricção sincera:

— «Perdoae... Diabo não: era levantar-lhe um aleive.»

Esta conclusão acabou de assanhar a matrona.

— «Sempre quero ver» — clamava ella com esgares tremendos, rôxa de colera, n'um falsete hydrophobo, — «sempre quero ver se uma mulher honesta não ha de fallar a seu marido, para desafogar ao menos... Ai! que homem, santa do meu nome! que homem! É os meus peccados, eu sempre o disse! Mal haja a hora em que tive a desgraça de consentir em dar-lhe o «sim»... Que leis são estas que separam os casados e mettem uma rolha na bocca á gente!... Ai! Nossa Senhora dos Remedios, que remedio terá a minha triste vida! Quem me havia de a mim dizer no tempo do meu Malaquias, que me trouxe sempre tão estimada, que havia de chegar ainda a estes vexames!»

Este chorado Malaquias era o defunto mercieiro, o primeiro marido, que lhe dava uma sova todos os oito dias.

A senhora Medéa no paroxismo da desesperação fincou o punho no lado com gesto provocador, fiando-se na impunidade do sexo.

O dialogo terminou como só podia terminar, pegando-lhe os guardas por um braço, e mesmo pelos dois braços, de um modo que não tinha nada de cortez, e pondo-a na rua á força. Na rua a berraria foi tal, que os habitantes do bairro chegaram todos á janella.

Mestre Marçal n'esta conjunctura bemdisse a invenção dos segredos, e glorificou os rigores da justiça, que lhe pareceram então o cumulo da benevolencia!

As primeiras aventuras do mestre terminam aqui. A paixão pyrotechnica, paixão original entre todas, sendo a verdadeira origem dos seus dissabores domesticos, levará-o, como se vê, até onde o podia levar.

Dizem que os superiores affectos tem todos o seu calvario. Mestre Marçal, em prova da grandeza infeliz da sua bemquerença, teve dois calvarios — o ninho da esposa, e o ergastulto dos facinorosos.

Pensando bem não sabia qual era peor!

O empenho do Corregedor do crime, incansavel em esmiuçar a sua conspiração, fez jazer o mestre mais de um anno encarcerado. Desenganadas com custo de que o foguete perturbador não fôra signal de perigosos attentados, e reconhecendo por fim que o supposto conjurado era, quando muito, um monomaniaco, resolveram as justiças d'el-rei dar-lhe destino.

Dignando-se attender á prisão que já padecêra, tiveram a benignidade de lhe commutar a pena de degredo para Angola em degredo para o Brazil.

Como acontecesse partir o capitão-mór de Pernambuco, aproveitouse a oportunidade de enviar para ali alguns degredados, entre os quaes mestre Marçal teve a honra de figurar!

Mal pôz pé no convez do navio, como á claridade de um novo e subito *fiat lux*, terminaram todas as suas duvidas ácêrca do desgraçado ar-

teficio, que, um anno antes, fôra perder-se sem baptismo n'umas leivas de cevada.

Estava desenganado. O famoso foguete tinha tido effectivamente uma verdadeira metamorphose. Achava-se convertido na caravella, em que ia, contra sua vontade, demandar as terras de Santa Cruz.

N'esta extremidade, uma coisa consolava mestre Marçal de todos os transtornos e infortunios. Era a sua providencial separação da senhora Medéa.

O mestre tinha a malicia de pensar que, só por si, esta circumstancia compensava, e, feitas bem as contas, excedia muito os desastres, que lhe grangeára aquelle amor da arte, não comprehendido no seu tempo.

Se chego a conseguir alguns ocios, talvez me tente ainda a ordenar os inauditos e prodigiosos casos, que no novo mundo illustraram os meritos e o nome do mestre desterrado, levantando a sua pessoa até á celsitude do solio. Esses sim, que foram lances de contar. Mais dia menos dia não resisto de certo ao desejo, dado que as singularidades phisicas e moraes do meu chão e sincero Marçal Estouro não tenham enfadado demasiadamente o leitor.

J. DA S. MENDES LEAL, JUNIOR.

II

GEORGINA

(Fragmento de um poema)

Historias tristes de amores
 Não as devem ler donzellas;
 Por que embora tenham flores,
 Nem sempre são das singelas
 Que devem ornar as fronte
 De candidas virgens bellas.

Aqui n'este conto ha beijos;
 Protestos; juras; mentiras:
 E freneticos desejos
 Saciados á luz pallida
 Da lua;— que vê saudosa,
 Entre protestos amantes,
 Tornar-se a pudica rosa
 Menos rosa do que d'antes!

A tempo avizei donzellas,
 E se no conto ha peccado...
 Quizera ser o culpado
 Tendo cumplices tão bellas.

II

Por não começar mentindo,
 Eu direi que Georgina
 Nunca foi a heroína
 D'este meu singelo conto;
 E se não, vejam; o nome
 Bem nos indica a verdade
 Segura, prudente, lisa;
 Deixemõs pois ao Tamisa
 Ter a gloria toda, inteira,
 Do nome da feiticeira.

Mas como tambem a lua
 É coisa que os bons inglezes
 Apanham por poucas vezes
 Na sua patria: bem certa
 Póde ficar a leitora,
 Que se de fóra foi vindo
 O nome de Georgina,
 Os seus ardentes amores,
 As suas queixas primeiras,
 Foram nascidas na terra
 Das formosas lorangeiras.

III

Vamos agora á pintura
 Da mais gentil creatura
 Que os meus olhos nunca viram.
 Eu sei que se fosse a votos
 Pór o retrato ás leitoras,
 Havia de haver senhoras
 Tão crentes nos seus espelhos,
 Que n'esta questão alheia
 A vaidades e caprichos,
 Não podendo chamar feia
 A quem Deos fizéera linda;
 A poriam na berlinda
 Por tudo... por ser *coquette*...
 (Em portuguez presumida)
 E trinta mil peccaditos,
 Que todas tem... e que todas
 Chamam nas outras defeitos,
 Mas em si acham bonitos.

IV

Georgina era inda nova,
 Não tanto que a amendoeira
 Não tivesse já florido
 Vinte vezes, e morrido,
 Quando passou de solteira
 A ter grilhões de marido.

Casada! Pois é casada
 A sonsa da Georgina,
 E tenta ser heroína
 D'uma lenda apaixonada!
 Porque não?... Saiba a leitora
 (Se dou n'isto novidade)
 Que a mulher que se enamora,
 Seja solteira, ou casada,
 Tanto sobe no conceito
 De poetas, e pintores,
 Que deixa de ser do mundo
 Para ser só dos amores.

V

Era na quadra florida
 Em que na verde campina
 Rebenta alegre a bonina,
 E sorri branca açucena,
 A brisa fresca da tarde
 Na superficie serena
 Das aguas corria mansa;
 E a lua, n'um céu bordado
 De milhões de mil estrellas,
 Desprendia enfeitçada.
 Um vago quê de tristesa
 Que o coração namorado
 Da travessa Georgina
 Em desejos nunca findos
 Mas saudosos traduzia.

VI

Que funda melancholia
 Tem aquelles olhos bellos!
 E como os soltos cabellos
 Lhe vem realçar a alvura
 Da fronte fresca e mimosa;

Onde tudo é formosura,
 Desde o leve còr de rosa
 Que lhe tinge a face pura;
 Até ao sorriso breve
 Que nos labios tem ainda,
 Porque viu... Fecha a janella.
 E passado pouco tempo,
 De joelhos aos pés d'Ella,
 Ardentes juras se ouviam
 De moço airoso e bem posto,
 Que já no pallido rosto
 Sem palavras lhe dizia,
 O que com beijos de fogo
 Provar-lhe cubicaria!...

VII

Eu bem disse que o peccado
 No conto não tardaria;
 E que um beijo, apenas dado,
 O certo signal seria
 De que um marido enganado
 Ao amante afortunado
 Seus direitos cederia.
 Pois deu-se o beijo!... E quem sabe
 Entender a poesia
 Que tem um beijo fremente,
 Longo, lascivo, imprudente;
 Entenderá como Paulo
 Nos braços de Georgina,
 Nem a dizer o que sente
 A seus pés convulso atina,
 Nem a fugir resolutio
 À sua encantada sina
 Se atreve o feliz amante!

Deixemos os dois ainda
 N'aquelle suave enleio,
 Em que entre amor e receio,
 E só por amor guiados
 Se juram amor... n'um beijo.

VIII

Por entre murtas e rosas,
 Um riacho cristallino
 Vai murmurando seu hymno,

No verde jardim que cerca
Essa vivenda encantada,
Aonde a morrer de amores
Foi Georgina fadada!

O saudoso astro da noite
Brilha n'um céu estrellado,
E o rouxinol amoroso
Inda gorgeia queixoso
D'entre a ramagem da selva.
Fôfos tapetes de relva
Estão dizendo «ternura».
E convidando á ventura
Dois amantes, que o destino
Ali conduzisse á hora,
Em que toda a natureza
Vive folga e se enamora.

Foi pois n'um jardim florido,
Entre os arômas das flores,
E ao som do cantar festivo
Dos volateis amadores,
Que os dois felizes amantes
Juraram os seus amores!

IX

Dar conta aqui dos protestos,
E das juras, e dos beijos,
E de muitos mais desejos
Que por cumprir lhes ficaram
Aquellas almas ardentes;
Nem a leitora ouvira
Contal-os a sangue frio,
Nem eu talvez poderia
Descrivel-os com verdade.

Pare aqui por hoje o conto,
E com a noite serena
Que já disse que fazia,
Póde a leitora sem medo
Seguir Paulo e Georgina,
Que por eacantadas horas,
Entre alamedas frondosas
De madre-silva e de murta,
Para dizer o que sentem
Só acham... a noite curta!

L. A. PALMEIRIM.

CHRONICA

É sob a impressão que nos causou a analyse da gravura com que hoje brindamos os assignantes da *Revista Contemporanea*, que vamos encetar a chronica. O desenho é dadia de um rei que o sabe ser e de um artista que o é. Assignando ali o seu nome legitimou mais uma vez a dupla corôa que cinge a fronte. Como se lhe não bastassem as acções attesta-o igualmente nas obras. Patrocina a arte tão desvelladamente como a cultiva. O esmero e a correccão que se notam no pequeno quadro que illustra este numero justificam plenamente o que dizemos. Não ha que receiar a lisonja quando ha direito ao louvor. É este o caso e por isso apontamos para o trabalho, e temos o convencimento que val quanto poderiamos acrescentar. Limitamos portanto a nossa apreciação em dizer ao leitor: veja — e estamos certos que ha de admirar,

O prestigio merecido e brilhante que S. M. El-rei D. Fernando tem conquistado entre nós, pela valiosa protecção que tem dado ás bellas artes, só teve rival na historia moderna durante a vida do duque de Orleans. O que foi para a França aquelle principe, tem sido para Portugal El-Rei D. Fernando. Folheando as paginas de uma vida encontram-se a cada instante iguaes na outra. S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, sabe tão bem o nome de todos os artistas portuguezes, como o duque de Orleans conhecia os dos seus compatriotas. Vêde os quartos d'El-Rei no palacio das Necessidades e examinae as descripções dos quadros do principe real nas Tulherias. A primeira tentativa do pintor é ali que foi encontrar protecção e estimulos. Annunciação, Metrass, Victor Bastos, Sousa, Christino e Rezende, esta nova pleiada de esperançosos talentos, devem-lhe tudo, devem-lhe as esperanças e a gloria, como ao duque de Orleans as deveram Ingres, Ary Scheffer, Eugène Delacroix, Antonin Moine, Aimé Chenavard, Jules Dupré, Marilhat e Luiz Cabat.

É ainda a S. M. El-Rei D. Fernando que nós devemos o apresentar illustrando o nosso jornal mais um artista que se estrêa como muitos desejariam acabar. S. M. El-Rei adivinhou-lhe a vocação, porque as sabe adivinhar, e para o animar pediu-lhe que gravasse aquelle desenho que elle havia feito no album de S. A. o Principe de Saxe. É escusado dizer como o sr. Francisco de Mello venceu a difficuldade; a delicadeza e o mimo com que está feita a gravura bastam para lhe denunciar o merito. É facil prophetisar-lhe um logar entre os melhores gravadores, continuando a cultivar tão esmeradamente aquelle mesmo trabalho.

No mundo litterario temos alguns acontecimentos a mencionar, sendo o primeiro a publicação de um drama do sr. Mendes Leal, intitulado *Alva Estrella*. A acção da peça basea-se nas cruentes rivalidades de familia, frequentes nas eras rudes em que só a força era lei, situação que entre nós se caracteriza até ao seculo XIII, acompanhando a nascença e desenvolvimento da monarchia. Não é difficil prevêr as situações dramaticas que devem existir na obra conhecendo-lhe a idéa fundamental. A *Alva Estrella* é portanto um drama de bello effeito realçado por um brilhante estylo.

A *Revista de Lisboa*, jornal de theatros, tambem appareceu ultimamente enriquecida com artigos das pennas finamente aparadas dos srs. Mendes Leal e Palmeirim, e segundo ouvimos, pouco tardará que os srs. Latino Coelho, Bulhão Pato e mais outros escriptores distinctos, tomem parte na collaboração d'aquelle jornal.

O sr. Olloqui, consul hespanhol em Lisboa, desejando prestar homenagem á memoria do primeiro vulto litterario portuguez que teve este seculo, fez uma versão castelhana da obra prima do nosso theatro nacional, *Frei Luiz de Sousa*. É um trabalho consciencioso que honra o traductor pelas difficuldades com que tinha a luctar para conseguir aproximar-se linsongeiramente do estylo do original. Se, por vezes o distanceou, houve outras, segundo ouvimos a auctoridades competentes, em que soube traduzil-o com a singelesa e elevação devidas. É deveras para sentir que a versão do *Frei Luiz de Sousa*, não esteja á venda, pois consta-nos que a intenção do sr. Olloqui é só de brindar com tão valioso trabalho os seus amigos.

Espera-se brevemente a publicação de um novo jornal litterario, no Porto, intitulado *O Atheneu*. Entre os seus redactores principaes lêmos o nome do sr. Camillo Castello Branco; julgamo-o sufficiente para recommendar a publicação.

No Campo de Sant'Anna teve logar uma brilhante corrida de toiros, executada por amadores e a beneficio dos indigentes das ilhas de S. Jorge e Pico. Nos camarotes via-se a maioria do mundo elegante que regressou das praias e de Cintra, para animar com a sua presença os destemidos curiosos. As trincheiras estavam apinhadas de espectadores. Principiou a corrida e o entusiasmo manifestou-se logo, crescendo sempre até ao fim.

Eram cavalleiros os srs. conde de Vimioso e Frederico Ferreira Pinto. Ambos montados em garbosos e bem ajazados cavallos, fizeram as cortezias do estylo, ostentando a maior elegancia e segundo as melhores regras de equitação.

O merecido e geral renome que o sr. conde de Vimioso tem sabido conquistar, como o mais denodado e mais perfeito cavalleiro, foi mais uma vez justificado, pela galharda e pericia com que picou todos os toiros que lhe haviam sido designados.

O sr. Frederico Ferreira Pinto que era a primeira vez que se apresentava na praça como cavalleiro, fez uma estrêa brilhante. Procurava com arte o toiro, conseguindo bellas sortes, que sabia aproveitar com sangue frio e a preceito.

Que diremos agora do sr. Frederico Pereira Nunes? Que é um capinha completo, alliando a destreza á elegancia, o arrojio á presença de espirito, finalmente é um capinha que ha de pôr um par de bandarilhas ao lado de *Carmona*, e as trincheiras hão de applaudil-o com igual estrepito. N'alguns recortes que fez com o capa o sr. conde de Vidigueira tambem manifestou vocação.

O sr. D. João de Menezes, a cavallo, e no seu trajo de abogão tambem picou um toiro com aquella pujança e denodo que todos lhe reconhecem. Executou algumas sortes felizes que dispertaram geraes applausos.

Resta-nos fallar dos homens de forcado. O valor e coragem incarnaram-se n'aquelle grupo de homens do principio ao fim da corrida. Firmes no seu posto, todas as vezes que os toiros tentaram investil-os, foram sempre repellidos sem que um só d'elles arredasse pé do logar competente. O sr. Luiz Forjaz que commandava este troço de valentes, como bom official foi

o primeiro a sair á frente do inimigo, excitando d'este modo o brio dos soldados. Fez por tanto a primeira pega, abrindo assim um exemplo que foi admiravelmente seguido pelos srs. Luiz Lobo, Celestino, Forrest e Manoel da Gama.

O sr. Antonio Luiz d'Oliveira que era moço do curro tambem fez uma bella *péga de cara*.

O publico victoriou continuamente a dextresa e valentia dos amadores, e retirou-se contente e satisfeito do que vira e com immensos desejos de tornar a vêr.

Lisboa animou-se repentinamente, banindo a semsaboria em que vegetava, e começando a rir e a folgar. A transição foi tão rapida que pareceu coisa de magia. E foi;— operou o milagre um grande magico, um magico nunca visto, o maior magico do mundo! Dizer o seu nome é escusado, porque já todos sabem. Ouve-se pronunciar ao cruzar uma esquina, ao entrar n'uma loja, ao sair de uma platéa, ao approximar da mesa de um botequim; ouve-se discutil-o no salão do rico e na casa do pobre, no gabinete do Gremio e na Praça do Commercio, na barca dos banhos e na estação dos caminhos de ferro, no Passeio Publico e na lage do Terreiro do Paço; ouve-se ainda mais longe, ouve-se nas Praias, em Cintra, no Lumiar e Bemfica. Herrmann! Herrmann! e Herrmann! é o nome que gira em todas as boccas, que faz o assumpto de todas as palestras, que promove as mais renhidas discussões, que excita o maior interesse, que desperta geral curiosidade.

Dizem-se taes maravilhas, contam-se tamanhas façanhas, apregoam-se tantas proezas, que uns duvidam; outros riem-se, alguns zombam e muitos regeitam. E damos rasão a todos, porque o preceito de S. Thomé nunca foi mais bem cabido do que n'estes casos. É preciso ver para crer o que faz o demonio do magico que se não é o proprio Belzebuth deve ser, pelo menos irmão d'elle. E a prova é que Herrmann não é d'estes magicos que só executa prodigios no theatro á luz da rampa e rodeado de preparativos. Á luz do dia na praça da Figueira, fez elle coisas do arco da velha; cortou a cabeça a um pombo e deitou-o depois a voar; e extrahiu libras e mais libras de dentro de uma duzia d'ovos que comprou á primeira vendedeira.

Mas no que Herrmann se revella eximio, prodigioso, admiravel e fabuloso, é com um baralho de cartas na mão. Foi n'uma *soirée* que teve logar em Cintra que assistimos pela primeira vez, ás suas inacreditaveis *bruxarias*. Estava ali reunida a flor da nossa sociedade elegante e algumas das nossas illustrações litterarias e politicas. A noite passou-se rapidamente e sob o dominio constante de um ponto de admiração!

As cincoenta e duas cartas de um baralho nas mãos de Herrmann! são para os seus dedos cincoenta e duas téclas que elle percorre e maneja com uma presteza miraculosa. O impossivel parece que não existe para elle quando depende das cartas. Narrar o que elle fez seria longo e ocioso para os que não viram; ninguém acreditava. Julgamol-os para nós. Por isso limitamo-nos a dizer: quem ainda não viu Herrmann, nada viu, e quando tiver occasião de o ver, pôde abrir a bocca, mas deve esquecer-se que tem cabeça, se tiver dó de si, porque é mais facil elle adivinhar tudo, do que adivinhal-o a elle.

Presenceámos tambem n'aquella noite uma scena de magnetismo que a curiosidade dos assistentes reclamou, prestando-se á experiencia a filha do immortal cantor de Camões. Era a descrença da donzella quem lhe excitava o empenho; só perderia a duvida conhecendo a sensação. E todavia Herrmann triumphou. Desde aquelle momento todos foram unanimes em proclamal-o verdadeiro Cagliostro, titulo que justifica completamente, porque além de ser um eminente prestigiador mostra-se um perfeito cavalheiro e um distincto cortezão.

A sua apparição no theatro é vivamente desejada. N'essa noite S. Carlos terá uma enchente extraordinaria e o publico ha de ficar surprehendido ainda depois enthusiasnado.

ERNESTO BIESTER.